

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Mestrado Profissional em Educação e Docência
Promestre

Naktã Pataxó – Inglis Sales dos Santos

ESCOLA É COMUNIDADE, COMUNIDADE É ESCOLA: história e contemporaneidade da educação na Aldeia Pataxó Meio da Mata

Belo Horizonte
2023

Naktã Pataxó – Inglis Sales dos Santos

ESCOLA É COMUNIDADE, COMUNIDADE É ESCOLA: história e contemporaneidade da educação na Aldeia Pataxó Meio da Mata

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Orientadora: Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte
2023

P294 e T Pataxó, Naktã (Inglis Sales dos Santos), 1994-
Escola é comunidade, comunidade é escola [manuscrito] : história e contemporaneidade da educação na aldeia pataxó Meio da Mata / Naktã Pataxó (Inglis Sales dos Santos). -- Belo Horizonte, 2023.
138 f. : enc., il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Clarisse Maria Castro de Alvarenga.

Coorientadora: Maria Gorete Neto.

Bibliografia: f. 135-138.

1. Educação -- Teses. 2. Índios Pataxó -- Educação -- Teses. 3. Índios Pataxó -- Relações culturais -- Estudo e ensino -- Teses. 4. Educação intercultural -- Teses. 5. Comunidades Tradicionais -- Índios Pataxó -- Teses. 6. Pluralismo cultural -- Teses. 7. Escolas indígenas -- Índios Pataxó -- Teses. 8. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação -- Teses. 9. Aldeia Meio da Mata (Porto Seguro, BA) -- Educação -- Teses. 10. Porto Seguro (BA) -- Escolas indígenas.

I. Título. II. Alvarenga, Clarisse Maria Castro de, 1974-. III. Gorete Neto, Maria, 1973-. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.9700981

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

INGLIS SALES DOS SANTOS

Realizou-se, no dia 23 de dezembro de 2023, às 09:00 horas, por teleconferência, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 568ª defesa de dissertação, intitulada ESCOLA É COMUNIDADE, COMUNIDADE É ESCOLA: HISTÓRIA E CONTEMPORANEIDADE DA EDUCAÇÃO NA ALDEIA PATAXÓ MEIO DA MATA, apresentada por Inglis Sales dos Santos, número de registro 2021651023, graduada no curso de FORM. INTERCULT. PARA EDUCADORES INDÍGENAS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Clarisse Maria Castro de Alvarenga - Orientador(a) (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Maria Gorete Neto - Coorientador(a) (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Teresinha Fumi Kawasaki (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Rosângela Pereira de Tugny (Universidade Federal do Sul Bahia).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada.
- Reprovada.
- Aprovada com indicação de correções.

Título do Recurso Educacional: KIKÊME KUÃSÊ: Casa da Sabedoria

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 2023.

Prof(a). Clárisse Maria Castro de Alvarenga (Doutora)

Prof(a). Maria Gorete Neto (Doutora)

Prof(a). Teresinha Fumi Kawasaki (Doutora)

Prof(a). Rosângela Pereira de Tugny (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Gorete Neto, Professora do Magistério Superior**, em 23/09/2024, às 09:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Teresinha Fumi Kawasaki, Professora do Magistério Superior**, em 23/09/2024, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clárisse Maria Castro de Alvarenga, Professora do Magistério Superior**, em 23/09/2024, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela Pereira de Tugny, Usuário Externo**, em 23/09/2024, às 13:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3562324** e o código CRC **B13CDAB1**.

AGRADECIMENTOS

Sou o progresso da minha ancestralidade, sou flecha, sou raiz

Essa flechada não cairá.

Naktã Pataxó

Em primeiro lugar agradeço ao Grande Niamisũ (Deus), por ter me dado oportunidade e privilégio de ser uma mulher indígena e ser pertencente a duas etnias Pataxó e Kariri Sapuyá. Agradeço pela minha cultura, costumes e tradições, que foi a chave para conseguir trilhar esse caminho e por chegar até aqui.

Gratidão a Niamisũ por ter segurado em minhas mãos e mostrado o caminho certo, o caminho de buscar valorizar minha cultura cada dia. Me emociono ao pensar que realizei um sonho, esse sonho que não é só meu, sonho coletivo, sonho comunitário.

Esse processo de construção do projeto foi turbulento, mas gratificante. Me fez começar e recomeçar, tirou-me do conforto, foi prazeroso reconstruir ideias, com a certeza que vidas indígenas importam. Ocupar lugares como as universidades é um passo para a construção de uma pedagogia decolonial indígena.

Gratidão, gratidão a minha mãe Dalva Santos, a meu pai Jucelino Sales dos Santos, que são minha base, meu fortalecimento, meu porto seguro. Todo ensinamento indígena aprendi com eles, sou a conquista para eles. Meus pais foram fundamentais nessa passagem pelo mestrado, estavam comigo a todo momento. No produto educacional eles foram o alicerce, a base.

Aos meus filhos, Aynoã Chaiane dos Santos Vieira, Jocelino Aslan dos Santos Viera, agradeço por me tornar a mulher, mãe indígena guerreira, eles sempre estiveram comigo, até as altas horas da noite quando estava lendo, escrevendo, tinham o cuidado de perguntar se precisava de alguma coisa, sempre atenciosos. Sou uma mãe solo, que se orgulha de ser Pataxó. São eles que me dão força e coragem para não desistir. Quando pensei em parar, ao olhar os rostinhos deles, me encorajava a persistir, graças a minha família, para conseguir essa conquista.

Agradeço a meus irmãos, Jucinei, Antônio, Juceli, Amarilson, Amarildo, Leomir, Hercuri, Kainã, Naraynan, irmã do coração, companheiros de lutas, a meu sobrinho Nadilson. São pessoas que carregam a diversidade de conhecimento, em especial, a KIXO (Amarilson), que me ajudou no momento que mais precisei, dando um

computador, pois estava sem escrever, meu notebook quebrou, esse guerreiro que tenho orgulho, um dos jovens guerreiros que está em frente às retomadas do território. Agradeço minha aldeia Meio da Mata, desde as crianças aos anciões, lideranças, Cacica, aqui tive minhas maiores experiências, desde o profissional ao espiritual, não sei expressar a gratidão por esse lugar.

A meus parentes e colegas de trabalho, meu muito obrigado, gratidão pelos ensinamentos, pelas entrevistas, pelas trocas. A Escola Indígena Pataxó Meio da Mata agradeço, pois com ela aprendi o verdadeiro significado de escola é comunidade, comunidade é escola. Foram a escola e os estudantes que me fizeram dedicar a escrever essa dissertação, agradeço porque essa conquista não é só minha, mas de todo o povo Pataxó.

Agradeço também aos meus parentes indígenas que estudam na UFMG, onde tive trocas de conhecimentos.

Agradeço a meu parente Kawhã Pataxó, pelos ricos conhecimentos, pelas conversas, citou essa frase de Marilane Oliveira: “ninguém pode e nem fará por você, aquilo que só você pode fazer” e me motivou quando estava desanimada, com suas sábias palavras, disse que me tornaria um exemplo para comunidade.

Agradeço as pessoas que contribuíram para a construção do produto educacional, Kijême kuãsê, como Tassio Silva, Clebio Ferraz, pessoas indigenistas que apoiam as causas indígenas. Ao meu padrinho José Braz, que colocou o sonho da Kijême kuãsê em pé. Agradeço a Telma Brito, por fazer as leituras da dissertação, dando toques importantíssimos.

Agradeço minha orientadora, Clarisse Alvarenga, mulher guerreira companheira, que acreditou no meu potencial étnico, agradeço também a minha coorientadora, Maria Gorete Neto, um exemplo de mulher, guerreira sábia, que sempre atentou olhar para a língua indígena, são mulheres inspiradoras a quem tenho gratidão.

A Faculdade de Educação, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ao Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre), meu agradecimento, por abrir portas para uma mulher indígena, por tentar uma nova pedagogia decolonial.

Por fim, dedico essa dissertação aos meus ancestrais, aos meus parentes que morreram lutando pelo território.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado intitulada: ESCOLA É COMUNIDADE, COMUNIDADE É ESCOLA: história e contemporaneidade da educação na Aldeia Pataxó Meio da Mata, tem como objetivo mostrar, refletir sobre as práticas educacionais da aldeia Meio da Mata e todos os enfrentamentos ocorridos ao longo dos anos nesta trajetória. Uma análise dos contextos históricos-políticos de uma implementação de políticas de direito na educação escolar indígena. As novas práticas no interior da escola indígena, novos currículos, onde se ensinam a língua materna e saberes indígenas são indicativos de que a escola indígena vem passando por mudanças que podem, de fato, atender as perspectivas de uma educação específica e diferenciada. Escola é comunidade, comunidade é escola, nesse sentido a educação indígena e educação escolar indígena diferenciada caminham juntas, de modo igual, sem uma sobrepor a outra. A perspectiva da pedagogia indígena é o enfrentamento à pedagogia ocidental para consumação da epistemologia de autoria Pataxó, somos produtores mestres em conhecimentos. Esta pesquisa foi realizada, em parceria com a comunidade, respeitando as diversidades e obedecendo todos os conhecimentos tradicionais. Assim a escola nos permite compreender o mundo dos brancos, permitindo escolher que lado queremos ficar. Até conseguir mudar a expressão escola para índios, sofreremos muito genocídio, etnocídio, uma vez que os conhecimentos ocidentais eram dizimar todo nosso conhecimento, com nossas lutas e resistências temos uma educação escolar diferencial e intercultural.

Palavras-chave: educação indígena; educação específica e diferenciada; pataxó; conhecimentos tradicionais; Aldeia Meio da Mata.

ABSTRACT

This master's thesis entitled: SCHOOL IS COMMUNITY, COMMUNITY IS SCHOOL: history and contemporary education in the village Pataxó Meio da Mata aims to show, reflect on the educational practices of the village Meio da Mata, and all the confrontations that have occurred over the years on this trajectory. An analysis of the political-historical contexts of an implementation of law policies in indigenous school education. The new practices within the indigenous school, new curricula, where the mother tongue and indigenous knowledge are taught are indicative that the indigenous school has been undergoing changes that can, in fact, meet the perspectives of a specific and differentiated education. School is community, community is school, and in this sense, indigenous education and differentiated indigenous school education go hand in hand, equally, without one superimposing the other. The perspective of indigenous pedagogy is the confrontation with Western pedagogy to consummate the epistemology of Pataxó authorship; we are master producers of knowledge. This research was carried out in partnership with the community, respecting diversity and obeying all traditional knowledge. Thus, the school allows us to understand the world of white people, allowing us to choose which side we want to be on. Until we managed to change the expression school for Indians, we suffered a lot of genocide, ethnocide, since Western knowledge was to decimate all our knowledge, with our struggles and resistance we have a differential and intercultural school education.

Keywords: Indigenous education; Specific and differentiated education; Pataxó; Traditional knowledge; Meio da Mata Village.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Um pouco da história do povo pataxó.....	18
1.2 Histórias da Aldeia Pataxó do Meio Da Mata.....	21
2 EDUCAÇÃO INDÍGENA, COMUNIDADE E ESCOLA	29
2.1 Colonialidade e decolonialidade	29
2.2 Letramento e oralidade.....	35
2.3 Cosmologia multidisciplinar tradicional e suas práticas.....	41
3 A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ALDEIA MEIO DA MATA	48
3.1 Leis que respaldam a educação escolar indígena	48
3.2 A construção da primeira escola.....	57
3.3 Língua Pataxó - o Patxôhã - na Escola Meio da Mata	79
3.4 Datas comemorativas trabalhadas na Escola Indígena Pataxó Meio da Mata...	88
3.5 A Pandemia e a Escola	95
3.6 Questão da multisseriabilidade.....	98
3.7 Jovens Pataxó com necessidades especiais na Escola Indígena Pataxó Meio da Mata	100
3.8 Educação como ritual	101
4 KIJÊME KUÃSÊ - casa sabedoria	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	126

APRESENTAÇÃO

Sou indígena Pataxó. Meu nome é Inglis Sales dos Santos, nome indígena Naktã Pataxó. Tenho 29 anos e sou residente na Aldeia Meio da Mata, do município de Porto Seguro (BA), na Terra Indígena Pataxó Barra Velha. Tenho um casal de filhos, sou filha de pai da etnia Pataxó e mãe da etnia Kariri Sapuyá.

Atuo como professora da educação escolar indígena, desde os 19 anos. Comecei como monitora do Mais Educação, um dos programas educacionais do governo federal, em 2014. A partir desse ano iniciou minha carreira como educadora, na Escola Indígena Pataxó Meio da Mata. Já lecionei todas as disciplinas, desde o terceiro ano do Ensino Fundamental I ao 3º ano do Ensino Médio.

Possuo formação acadêmica na área de Línguas, Arte e Literatura, no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais, de 2016 a 2020, e Pós-graduação em Gestão Escolar na FAVENI, Faculdade de Venda Nova do Imigrante de 2020 a 2022.

Meu desejo é especificar os acontecimentos como acontece na aldeia. Mostrar a realidade da educação escolar da aldeia, relatando os avanços e retrocessos desde seu surgimento. Expressar todo esse histórico por mão de indígena é fundamental para mostrar o nosso protagonismo. O fato de ser a primeira mulher indígena a terminar uma graduação e estar no mestrado é importante para honrar a luta dos anciões Pataxó.

Quando iniciei, foi uma experiência totalmente diferente. Quando era estudante na Escola Indígena Pataxó Barra Velha, o professor Alessandro Santos às vezes me pedia para dar aula para ele, com disciplinas de educação física e H.P.S (História de Porto Seguro), para as turmas do sexto ao nono ano. Antes do dia da aula, me preparava, lia livros, esse tempo não tinha contato com internet. Foram meus primeiros contatos com meus colegas de maneira diferente, pois no início um nervosismo, em seguida uma alegria de ter cumprido uma missão tão inacreditável, tinha estudantes mais novos e mais velhos que eu. Com essas experiências vividas como aluna-professora, despertou em mim a vontade de dar aula na minha aldeia.

Na Aldeia Meio da Mata, eu era insegura naquele momento, como monitora, pois não sabia como seria a convivência com os familiares dos estudantes, e não tinha material específico para a disciplina Patrimônio Cultural. Comecei com parceria com o professor de Patxôhã (língua de guerreiro), minhas aulas eram de reforço, da

disciplina Patxôhã, assim nossos conteúdos eram parecidos. Trabalhava no centro cultural, ao ar livre.

A maior dificuldade no início foi a falta de materiais didáticos, mas como nunca me prendi a livros, fui uma jovem professora que levava novidades para sala de aula. Levava os estudantes nas nascentes da aldeia, no Rio Caraíva, na mata atrás da escola, para conhecer os frutos, ervas medicinais, acompanhava eles nas andanças pela aldeia, em conversas com os mais velhos.

Numa pesquisa que os estudantes fizeram sobre luto, quando uma pessoa falece na aldeia, todas as atividades são paralisadas na escola e aldeia, o falecido sendo criança, adulto ou velho. Ao observar as opiniões de velhos, jovens e dos próprios estudantes, despertou a curiosidade de pesquisar sobre a educação indígena na aldeia e a educação escolar. Falar da luta constante que a escola passou é primordial para que nossos estudantes conheçam essa história de sofrimentos e vitórias, que perpassou nesses anos.

Durante esses oito anos de relação com a escola, vi a necessidade de pesquisar sobre o motivo que nossos livros vivos estão indo descansar e as histórias se vão com eles, e não tiveram oportunidade de escrever, e agora tenho o privilégio de deixar escrito essa história para meus filhos e próximas gerações. Sempre me perguntei qual legado quero deixar para minha aldeia, pesquisar e escrever está sendo esse legado.

Tenho medo de ser uma professora da mesmice, que copia e cola. Sempre penso em ser uma professora diferenciada, com novas técnicas, pedagogia nova, para meus estudantes terem o prazer de ter minha companhia, como auxiliadora no crescimento deles. Moro a duzentos metros da escola. Na escola atual não tive a oportunidade de estudar, pois quando a construção acabou, estava no sétimo ano, e na escola não tinha sétimo ano, pelo motivo que não tinha profissionais suficientes.

Os professores que deram aulas para mim, nos anos de 2005 e 2006, aqui na Aldeia Meio da Mata, quando comecei a trabalhar, eram meus colegas de trabalho: duas professoras e quatro professores e um coordenador, uma auxiliar de classe, duas zeladeiras, uma merendeira e um vigia. Comecei com as disciplinas Patxôhã e Educação Física na escola da aldeia e na Escola Indígena Pataxó Tupiniquins. Nesse ano minha dificuldade era o deslocamento até a Escola Indígena Pataxó Tupiniquins, que fica a 5 quilômetros da minha aldeia. Ia de carona e muitas vezes voltava a pé e nessa escola trabalhava apenas na sexta feira.

Um ano após começar a trabalhar como professora titular, fui designada a trabalhar com outras disciplinas: História, Artes e Geografia, e com EJA, apenas aqui na aldeia Meio da Mata.

O maior desafio para mim foi quando o professor de Matemática saiu da escola. Nesse ano de 2018 trabalhei com a disciplina Matemática, como sempre tive notas boas de matemática, os pais e comunidade aceitaram de eu ser essa professora. Hoje trabalho com quatro colegas professores, que já estavam desde quando entrei na escola, sendo um deles coordenador e com mais dois que entraram antes da pandemia da covid 19.

Tenho relação maravilhosa com minha comunidade. Sou uma jovem professora que é referência na cultura, tudo que eles precisarem ou tiverem dúvidas vêm até mim para ajudá-los como, por exemplo, na confecção de artesanatos, adereços, na escolha de faculdade etc... O corpo escolar é formado de pessoas com características diferentes, na merenda é a Cacica da aldeia, como professor tenho um amigo que é meu sobrinho e que é meu pastor, temos os professores que ainda têm pedagogia antiga, outros com pedagogia moderna.

Desde o ano que entrei como professora a escola passou por várias mudanças. Essa escola tinha duas salas de aula, uma secretaria, uma cozinha, dois banheiros feminino e masculino, uma despensa que guarda material de limpeza e alimentos, não tinha refeitório.

A educação básica, constituída pelo ensino infantil ao ensino fundamental II, vai até o sétimo ano, sendo todas turmas multisseriadas. Como a escola tinha apenas duas salas e não eram suficientes para o total de turmas, foram adaptados outros lugares para o funcionamento do ensino, na igreja católica e no centro cultural. E não tinha internet na escola.

Atualmente a escola tem quatro salas de aula, uma cozinha, uma despensa, dois banheiros (masculino e feminino), não tem banheiro para os estudantes com necessidades especiais, uma pequena biblioteca, uma sala de informática, uma secretaria e coordenação juntos e uma sala para a diretoria da Associação Comunitária Indígena Pataxó Aldeia Meio da Mata (ACIPAMM). Continua a não ter refeitório.

A escola tem internet desde 2016 e hoje tem grafismo nas paredes de toda a escola. Ainda sofremos com os livros que não condizem com nossa realidade. Para melhorar nosso trabalho, buscamos mais opções na internet. Trabalhamos com

Datashow, televisões, caixa de som, notebook.

Vivemos debaixo de ordem. O que a Secretaria de Educação impõe, muitas vezes cumprimos, para não perder nosso emprego. No início passei por perseguição no trabalho, por ter apenas o Ensino Médio, exigiram diplomas ou matrículas em faculdade. No ano de 2022 denunciaram a mim para o RH de Porto Seguro. O diretor das escolas indígenas de Porto Seguro ligou para coordenação da escola aqui da aldeia, para escolher apenas um trabalho, que não podia trabalhar em mais de um emprego. Esse conflito resolvi, dentro dos meus direitos. Atualmente sou a única professora da aldeia fazendo mestrado, espero concluir com sucesso e rumo ao doutorado. Também sou a única professora da aldeia, pois das outras três, duas são não indígenas, e uma indígena é Tupiniquim.

Minhas práticas pedagógicas mudaram no decorrer dos anos. Tive que construir e desconstruir, pois essas práticas foram fundamentais para me tornar uma professora melhor. Irei mostrar algumas práticas pedagógicas que foram essenciais no meu processo de educadora. Olho cada estudante de maneira individual, pois cada um tem suas habilidades, especificidades. A turma poderá ser única, mas nunca homogênea.

Busco estratégias para trabalhar turmas multisseriadas, contendo estudante especiais e sem cuidador. Desdobro para levar coisas que façam eles se sentirem à vontade, sintam-se bem na sala, sintam o desejo de estar comigo, pois observo que se a escola cai na rotina, quadro, caderno, copiar, colar, eles desaminam. Procuro ser diferenciada no sentido de que se encontrar meus estudantes fora da escola, eles venham perguntar qual dia vamos continuar com aquela aula.

Trago alguns exemplos. No ano de 2022, na primeira unidade, não fiz avaliações escritas, mas sim práticas. Avaliei os alunos na preparação do mês de abril, especificamente a semana cultural, quando fazemos reflexões e revivemos memórias. Esse processo se deu através da elaboração de tarefas, fiz uma mistura com as turmas. Os homens ficaram com tarefas como pegar aipim na roça, pegar lenha, pegar palha de banana, palha de palmeiras para fazer cabanas, para servir como amostra de habitação que existia na aldeia, pegar jenipapo verde para fazer tinta. Antes que eles pegassem os jenipapos, ensinei em qual lua eles teriam que colher para a tinta ficar boa, também colhem cocos secos para usar no preparo dos beijus, paçocas e bolos de aipim. As meninas rapam, descascam os aipins, os cocos. Fazem beijus, paçocas, bolos, kawī (bebida tradicional Pataxó), e fazem chá. No dia

da reflexão, temos toda a comunidade presente na escola, comemos e bebemos, brincamos e realizamos jogos indígenas, com todos os presentes.

Outra atividade que realizo com eles, em grupos, é cantar. Acredito que mesmo com a timidez de alguns, estando em grupo conseguem realizar. Primeiro canto com eles, porque essas músicas eram em inglês, músicas com verbo to be, como as músicas de James Arthur (*Say You Won't Let Go*) e a música de Adele - *Someone Like You*. O mais interessante dessas atividades é ver a desenvoltura deles, chegar, se preparar e apresentarem-se em grupo.

Também fazer peças teatrais foi uma das experiências mais bonitas, pois envolve a oralidade, a escrita, a leitura. Eles adaptam o texto com suas formas. Fizeram as vestes dos personagens, usando os materiais na escola, cola, tnt, grampeadores.

Desses exemplos todos, o que mais me marcou foi realizar oficinas. Fizemos algumas pinturas indígenas, cintos indígenas, bustiê, juntei todas as turmas do 1º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Gostaram tanto que mandavam mensagens para pegar aulas de outros professores para realizar a oficina, às vezes nem queriam sair da sala para merendar e quando o horário das aulas acabava, ficavam de dez a vinte minutos na sala, sem querer ir embora. No final todos conseguiram fazer seus cintos, bustiês, vi a felicidade no rosto de cada um. E no nosso último dia de aula fizemos uma noite cultural, quando eles preparam beijus, kawĩ, chás, cantamos e dançamos, no final fizemos reflexões das minhas atividades com eles.

Uma coisa que me deixa triste é ver as notas baixas dos meus estudantes. Me cobro muito e tento voltar e construir novas estratégias, para melhor desempenho deles. Quando entro a cada período de férias pergunto a eles: como você gostaria que as aulas fossem?, ouço os desejos deles, tento adequar algumas coisas.

Já fizemos bolinhos de aniversários para alguns estudantes. Compro material e as coleguinhas fazem o bolo. Proporcionar uma alegria não tem preço, um simples bolinho para alguém que nunca teve uma festa de aniversário e ainda com seus colegas que ajudam realizar, são experiências que me motivam, que me faz sentir mais forte, animada.

Como toda Pataxó, sempre mudava de lugar na infância com meus pais. Comecei a estudar aqui na Escola Indígena Pataxó Meio da Mata, com seis anos. Porém, no meio do ano meus pais mudaram para o Porto do Boi e não tinha energia elétrica, não tinha água encanada. Lavar pratos, roupas era nos riachos, água para

beber pegava em cacimbas, quando secava, íamos até a casa da minha tia Maria do Socorro, que era uns dois quilômetros, cozinávamos em fogão de lenha. Foi nesse local que aprendi a nadar, pescar, remar, a fazer artesanatos, colares, brincos, abajures e vendia os artesanatos em Caraíva para ajudar meus pais.

No Porto do Boi não tinha escola. O resto do ano não estudei pois, a escola mais perto era a sete quilômetros, e não tinha transporte escolar. No ano seguinte fui matriculada na Escola Indígena Pataxó Barra Velha e ia para escola todos os dias andando, até que não aguentei mais, desisti, lembro que era dificuldade grande. No outro ano voltei a estudar na Escola Indígena Pataxó Barra Velha e meus pais compraram uma bicicleta Monark para meu irmão me levar para a escola. Antes do meio do ano caí da garupa da bicicleta no caminho de volta para casa e fracturei o punho. Lembro que meu irmão tinha que voltar à tarde para fazer trabalho, por isso ia tão rápido. Fiquei um tempo sem ir à escola e, quando voltei, ganhei uma bicicleta do meu irmão mais velho. Aqui não serei capaz de expressar minha alegria no momento, pois foi o estímulo que precisava para voltar aos estudos com tudo. Depois disso, estudei um ano em Barra Velha, pois no outro ano construíram uma escola com uma sala no Porto do Boi, onde estudei um ano. Material escolar era apenas caderno, lápis, bolsa - usava sacolas plásticas.

No ano seguinte meus pais voltaram para a Aldeia Meio da Mata, onde estudei dois anos e retornei para Escola Indígena Pataxó Barra Velha, pois aqui na aldeia não tinha Ensino Fundamental II e ia todos os dias de transporte escolar. Concluí meus estudos na Escola Indígena Pataxó Barra Velha no ano de 2013. Até concluir meus estudos passei muitas dificuldades, fome e nesse período tive meus dois filhos. Nunca desisti, sempre procurei prosseguir. Já sendo mãe, tinha que dar exemplo a meus filhos, sabendo que meus pais e meus irmãos mais velhos não tiveram a oportunidade de terminarem seus estudos.

Meus filhos sempre estudaram aqui na escola da aldeia, uma realidade totalmente diferente da minha, com escola construída, internet, materiais escolares e em cinco minutos estão na escola. As crianças de hoje são tecnológicas, modernas. Tem todos os materiais escolares, todo ano material novo.

Ver a conquista que a aldeia tem hoje com a escola, fico muito feliz, pois já vi professores dar aulas em barracões de palha de palmeira, com poças de lama no meio da sala, às vezes perder todos os livros por causa de chuvas.

Quando eu fiz o estágio da faculdade meu desejo foi fazer grafismo nas paredes

da escola. Quando consegui realizar, olhar e ver a arte Pataxó foi um sonho. Cada pincelada, cada gotinha de tinta, foi muito gratificante poder realizar com as pessoas da escola, da comunidade.

A maior dificuldade é perceber que os pais não entendem seus filhos, não compreendem que cada um tem seu tempo, um desenvolvimento, uma capacidade diferente. Aqui trabalhamos em conjunto, escola é comunidade, comunidade é escola, as duas não se separam, uma é a raiz da outra e se completam.



(Fonte: Kainã Sales, 2019, 2023, Naktã e filhos)

1 INTRODUÇÃO

A seguir detalharei minha pesquisa, primeiro quero dizer que foi uma honra escrever, mostrar o potencial da mulher indígena Pataxó. Nesta pesquisa exponho a trajetória da aldeia e da educação indígena e educação escolar indígena. Procuro valorizar a cultura indígena Pataxó e suas manifestações e ensinamentos, explicitar que suas práticas nos permitem, de forma diversificada, permanecer unidos uns aos outros, junto com nossos anciões e ancestrais.

Este trabalho apresenta uma natureza exploratória, de característica descritiva e explicativa. As informações e referências bibliográficas estão em diálogo com outros trabalhos apresentados na UFMG. Nas pesquisas de campo estão presentes roteiros de entrevistas com pessoas de diferentes grupos etários, que viveram no período da construção da aldeia e de outros jovens contemporâneos. Fotografias registram os diversos aspectos de pedagogia da construção.

Com essa pesquisa, pretendo mostrar os desafios enfrentados pela educação na aldeia, no passado e no presente. E, a partir disso, analisar inúmeras mudanças culturais que temos presenciado ao longo desse tempo exigindo um novo olhar para educação.

Na apresentação, falo de minha trajetória de vida, desde a minha infância aos dias de hoje. Descrevo as lutas e conquistas por uma jovem mulher Pataxó, com os estudos, filhos, trabalho na escola. A reflexão que fica é que podemos sim ser aquilo que queremos, sem deixar de ser indígena Pataxó.

No primeiro capítulo, apresento a construção da aldeia Meio da Mata, desde o primeiro mourão enfiado na terra até atualidade. A luta pela aldeia durou alguns anos, meus anciões permaneceram firmes e conseguiram. Para registrar essa história pude contar com os moradores da aldeia, de faixas etárias diferentes. Com palavras não consigo expressar a importância dessa pesquisa para a aldeia, mas digo com certeza, foi minha melhor escolha. Quando converso com os mais velhos da aldeia eles ficam felizes em contribuir com a pesquisa e também por deixar suas memórias escritas, pois muitos não são alfabetizados.

No segundo capítulo exponho a educação indígena na aldeia Meio da Mata, em uma perspectiva indígena, por uma mulher indígena, com todas as aprendizagens perpassadas por gerações, explico que essa educação indígena é a vida dos Pataxó da aldeia. Nascer Pataxó é uma dádiva, principalmente viver cada detalhe cada

momento de conhecimento indígena.

Descrevo a história da educação escolar indígena na aldeia desde o ano de 1994 até os dias de hoje, com todos os embates e pelejas por uma educação escolar Indígena diferenciada, a luta de uma Cacica pela educação escolar. Mostro todas as mudanças e dificuldades que a escola e a comunidade juntas passaram. Também analiso como o currículo se apresenta na escola, a organização do corpo escolar e a interculturalidade.

No terceiro capítulo, exponho a construção do recurso educacional, a Kikême kuâsê (Casa sabedoria), de taipa, produto final do mestrado, que servirá como minimuseu, será um lugar sagrado de memórias, material e imaterial, neste ficará registro, e artes Pataxó da aldeia, para o povo da aldeia. A Kikême kuâsê tem como objetivo principal de marcar o tempo, com sua construção tradicional, deixando para futuras gerações, e será lugar de pesquisa, para comunidade e escola.

Nas Considerações Finais, reforço a importância de se compreender a educação como ritual.

Esclareço, por fim, que todas as citações de fala que foram retiradas de um total de 14 entrevistas transcritas, a seguir, neste trabalho, foram realizadas pela autora, durante o período da dissertação.

1.1 Um pouco da história do povo pataxó

Sempre fomos um povo livre, aqui já estávamos antes da invasão dos portugueses. Nossas matas, nossos rios sempre saudáveis. Desde o início o povo Pataxó sobrevivia com raízes, frutos, caças, peixes, mariscos, e de roças. Não tínhamos moradias fixas, pois toda a floresta era nossa casa, não existia divisão, a terra não tinha delimitação. Existem alguns relatos sobre os Pataxó, como viviam, seus costumes. Quando Maximiliano começa sua expedição pelo território brasileiro, expõe sobre os Pataxó:

Eram da tribo dos Patachos, dos quais não vira nenhum até então, e tinham vindo, havia poucos dias, das florestas para as plantações. Entraram na vila completamente nus, sopesando as armas, e foram imediatamente envolvidos por um magote de gente. Traziam para vender grandes bolas de cera, tendo nós conseguidos uma porção de arcos e flechas em troca de facas e lenços vermelhos. Esses selvagens não têm nenhuma aparência extraordinária, não são nem pintados nem desfigurados: Alguns são baixos, a maioria é de estatura média, um tanto delgados, de caras longas e ossudas, e feições

grosseiras [...] Comida era o principal desejo.” (WIED- NEUWIED, Maximiliano, 1958, p. 168).

Segundo Maximiliano em sua passagem pela vila do Prado, o povo Pataxó era baixo, não usava pinturas, tampouco roupas, fazia trocas com objetos não indígenas. De acordo como descreve nossos anciões Pataxó, nós éramos realmente nômades, a cada estação estávamos em um lugar diferente. Segundo ele, fazíamos trocas, com outros povos e um dos povos mais próximo aos Pataxó eram e são os Maxakalis, que viviam entre Minas Gerais e Bahia.

Segundo a antropóloga Maria do Rosário, no século XIX, umas das primeiras escritoras a falar sobre Nós, Pataxó, fala sobre o tronco linguístico a que meu povo pertence, relata também que éramos nômades, não pertencíamos apenas a um lugar:

Os Pataxó certamente pertenciam aos povos que os portugueses identificaram como Aimorés – palavra de origem Tupi. A designação aimoré refere-se àquelas etnias classificadas no tronco Macro-Jê, que foram desalojadas pelos Tupi, vindos do sul pela costa leste e nordeste do Brasil. Povos nômades que se movimentavam em pequenos grupos, os Pataxó, segundo relato de Weid-Neuwied (1987), distribuíram-se, a partir da ocupação Tupi, no território que se estendia no interior da costa, também habitado pelos Maxakali. Os Pataxó concentravam-se, porém, na área mais próxima à costa, enquanto os Maxakali possivelmente no interior. Para esta breve contextualização histórica, tomarei como fontes Carvalho (1977) e Sampaio (1996, 1999, 2000), que, por sua vez, referem-se a fontes históricas e etnográficas – Urban (1992), Weid-Neuwied (1985), entre outras –, além dos seus próprios dados etnográficos. Lições de Abril ocupavam as cercanias da Serra dos Aimorés – atual divisa entre Bahia e Minas Gerais. Esses grupos resistiram durante mais de dois séculos ao contato com os portugueses: (CARVALHO, G. Maria do Rosário, 1977, p. 40-41)

Em outra passagem a autora descreve mais um pouco da união entre os Pataxó e Maxakalis, dizendo que tinham boa convivência. Certamente as culturas e os costumes se misturaram aos poucos, também vamos observar que no século XIX se dá início ao aldeamento:

Os primeiros contatos dos Pataxó com representantes do Estado Brasileiro aconteceram no início do século XIX. Em 1861, por determinação do presidente da Província da Bahia, toda a população indígena da região foi obrigada a concentrar-se numa única aldeia, junto à foz do Rio Corumbau, dando origem à atual aldeia de Barra Velha. Assim, inicialmente, a aldeia de Barra Velha reuniu não apenas índios Pataxó, mas também Maxakali e, possivelmente, Botocudos das vizinhanças, entre outros. O etnônimo Pataxó certamente prevaleceu, não só por serem os Pataxó mais numerosos, como pela localização da aldeia em território tradicionalmente reconhecido como Pataxó. Em Barra Velha, viveram isolados de contato mais regular com a sociedade nacional entre 1861 e 1951. (CARVALHO, G. Maria do Rosário, 1977, p. 41).

Depois do aldeamento forçado pela coroa portuguesa, vivíamos em um lugar chamado de Bom Jardim, que depois veio se chamar Barra Velha, devido a uma barra na costa da praia próxima a aldeia. A aldeia Barra Velha é conhecida como aldeia MÃE porque as outras aldeias foram surgindo a partir dela. O parente Kanatyto Pataxó fala em uma entrevista sobre a relação entre Pataxó e Maxakalis e suas experiências vividas:

A nossa história vem de muito longe, vem percorrendo nossa trilha de vida, e quando for falar essa história de nossos velhos de nossos antepassados, da época do período colonial, onde nosso povo tinha um imenso território, que era um território tradicional muito grande e extenso, era um território onde vivia muitos povos, e Pataxó e Maxakali são dois povos irmãos, que eles são do mesmo tronco e da mesma árvore, então esse território que era tradicional, o povo Maxakali e Pataxó vivia nesse mesmo território, e eles sempre viviam sua vida, coletando, caçando, fazendo troca, dentro desse grande território que começava nas matas do litoral da Bahia e vinha para o Espírito Santo e subia para Minas Gerais, então esse contato do litoral, das matas do litoral ao centro de Minas, sempre houve, entre nós e Maxakali, porque os velhos sempre dizia pra nós, que nós tínhamos parentes mais para dentro das matas, sempre teve esses parentes mais pra dentro das matas, e nas histórias antigas que Choças eram as antigas moradias do Povo Pataxó construída de galhos e com a cobertura de folhas de palmeiras, os velhos contam é que Maxakali e Pataxó eles faziam festa junto, eles caçavam junto, eles coletavam junto no mesmo território, e até casavam entre si, então havia essa relação de Pataxó e Maxakali [...]” (Trecho de uma conversa com Kanatyto Pataxó em 2014). (SANTOS, 2017, p. 14-15).

E mais, segundo Santos:

Ainda de acordo com Maximiliano os Pataxó mantinham relações amigáveis com outras etnias que habitavam essas regiões. Os Maxakali é o povo que Maximiliano mais observou afinidade e semelhança com os Pataxó, tanto na linguagem quanto nos costumes. (...). Entre nós, os Pataxós e Maxakali sempre existiu um laço muito forte, como vimos acima bem observado por Maximiliano (SANTOS, 2017, p.14)

Aqui podemos perceber a forte relação entre esses povos, como relata o parente Kanatyto Pataxó, a socialização dos costumes e cultura são um ponto de união entre Pataxó e Maxakalis, vemos, através dos relatos dos parentes, como se dava essa aproximação desses dois povos, como bem relatado por Maximiliano.

O povo Pataxó atualmente se encontra na Bahia, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, com maior concentração na Bahia, dividido em vários municípios como Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Prado e Itamaraju, dividido em mais de sete terras indígenas. Pertencemos à família linguística Macro-jê, estamos no processo de

revitalização da língua materna, o Patxôhã.

Até chegar os dias atuais, meu povo passou por diversas, lutas, lutas pela vida, luta pela terra, nossa luta é constante. Atualmente a Terra Indígena Barra Velha tem 8.627 hectares de terra, com as seguintes aldeias: Bugigão, Barra Velha, Xandó, Pará, Campo do Boi, Meio da Mata, Boca da Mata e Cassiana que fica no município de Porto Seguro. Estamos em processo de retomada, pela ampliação do território de 8.627 hectares para 52.748 hectares, divididos em três municípios, Porto Seguro, Prado e Itamaraju, que trará melhorias nas condições de vida do povo.

Desde que começou a luta pela nossa mãe terra, entre 2022 e 2023, foram assassinados três Pataxó. É tão triste relatar esse fato, dói demais, mas tenho certeza que esse sangue que regou a terra, por mãos de não indígenas, não será apenas mais um caso. Acredito que vamos ter nosso território, nossa tão sonhada terra.

A aldeia Meio da Mata foi criada em 1975. Atualmente tem 90 famílias e 325 habitantes. O povo sobrevive de agricultura, artesanatos e alguns são funcionários do Estado e outros do Município.

1.2 Histórias da Aldeia Pataxó do Meio Da Mata

Apresento a seguir, em linhas gerais, a constituição da Aldeia Meio da Mata.

A aldeia Meio da Mata no início



(Fonte: Natan Brito, 2022, Aldeia Meio da Mata)

No ano de 1975, Francisco Severiano dos Santos foi agricultor, artesão (fazia canoa), serrador de madeira, carreiro (puxava bois de ganga) e tropeiro. Ficou conhecido como Chico Palha, por ser o primeiro morador de um lugar chamado Porto da Palha, às margens do Rio Caraíva. Ele morava no Porto do Boi, a seis quilômetros da aldeia Barra Velha, no município de Porto Seguro. Teve 15 filhos, nunca saiu do território e trabalhava também para os fazendeiros da região. Certa vez, pegou um cavalo, subiu em direção ao Monte Pascoal e parou em um local onde só havia mata em volta, com o rio Caraíva à sua direita. Fez uma barraca de palha de palmeira no local, dormindo em tarimba (um tipo de cama, feita de ripas de pati e outras madeiras). Começou a limpar umas áreas para fazer roças. Nessa época, os guardas do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) perseguiam os indígenas, destruindo suas casas, roças, tudo que tinham. Eles descobriram que Chico Palha habitava ali quando ele teve que fazer queimada na área que havia limpado. Mas, Chico Palha era compadre de um dos guardas, o Siquara, que não permitiu que seus companheiros derrubassem e desmanchassem suas rocinhas. Ele, então, permaneceu cinco dias nesse lugar, sozinho, em que deu o nome de Severo, por ser um lugar distante de tudo, de difícil acesso. Quando retornava para casa, levava banana, feijão, cana, caças moqueadas (tratadas, levadas ao fogo para ser quase assadas, uma forma de sua conservação).

José Sales, um dos seus filhos, relata: “O véio ficou indo no Severo durante uns quatro anos, às vezes sozinho, tinha vez que ia com um rapazinho, chamado Zé Mascate”. Em um belo dia, Chico Palha reuniu seus filhos casados, pediu que eles fossem morar com ele no Severo, pois se sentia muito sozinho, cansado de trabalhar. A partir desse momento, seus quatro filhos e família foram para o Severo, fizeram barracas de palhas de palmeiras, dormindo em tarimbas. Começaram a fazer roças, plantavam de tudo um pouco, banana, mandioca, aipim, cana, abóbora, feijão, milho, batata e criavam alguns animais, como galinha, pato e porco. Antes dos filhos de Chico Palha virem morar com ele, chegaram umas famílias dos “Abades” e dos “Braz”, que se assentaram mais acima do Severo, onde eles deram o nome de Estivado (recebeu este nome pela existência de uma construção, uma espécie de ponte de paus roliços, sobre lamas de brejos, até o porto aberto às margens do rio Caraíva).

Fizeram umas barracas de palhas de palmeiras para morarem e começaram a

fazer roças, criar alguns animais, como galinhas, jegues, porcos, perus e cocas (galinhas d'angolas). Um ano e meio depois da vinda dos filhos de Chico Palha, informa um dos seus filhos, Juscelino Sales: “pai morreu de câncer quando minha filha Juceli tinha quatro meses de nascida, exatamente há 42 anos, mas permanece presente em nossas memórias”.

Seus filhos permaneceram no Severo como ele havia pedido, mas anos depois foram embora para a aldeia Barra Velha e Porto do Boi. Juscelino Sales, conhecido como Nena, permaneceu com sua família, sua esposa Dalva dos Santos e nesse tempo, um casal de filhos, Jucinei Sales e Juceli Sales. Também permaneceu em Severo a Maria do Socorro, conhecida como Corrim, e sua família. Ali viveu muitos anos, sua casa ficava do outro lado de um córrego, que até hoje chamamos Córrego de Carro Pesca, nome dado em homenagem ao marido de Corrim, que possuía o apelido de Carro Pesca.

Tempos depois, quando a aldeia já existia, foram chegando mais parentes para o Estivado, pois o senhor Benedito Braz, um dos seus primeiros Caciques, deu uns pedaços de terra para crescer o lugar. Também nesse mesmo tempo, chegaram mais indígenas nos pertences dos Abades. A partir desse momento, os parentes reunidos criaram a Aldeia Meio da Mata e nomearam o primeiro Cacique, Joel Braz, e o vice Cacique, Juscelino Sales.

A aldeia até o momento teve sete Caciques, entre eles, duas Cacicas. O primeiro Cacique foi Joel Braz e o vice Cacique, Juscelino Sales. Nesse período o Cacique morava a mais ou menos dois quilômetros de distância do centro da aldeia e o vice Cacique morava no centro da aldeia. Nessa época, como eram poucas famílias residentes na aldeia, as demandas eram poucas, sendo a principal demanda a construção da escola. A segunda Cacica foi Maria José Braz, o vice Cacique João Alves, conhecido como Batata. Essa guerreira e esse guerreiro faleceram deixando grandes legados; lutaram em vida, buscaram projetos, como escola, posto de saúde, centro cultural. A Cacica faleceu de câncer, em 2004.

A partir desse momento o vice Cacique tornou-se Cacique junto com o vice Cacique Pedro Braz e eles deram continuidade aos projetos que a falecida Cacica deixou como a construção da escola e o posto de saúde. Todos esses Caciques não tinham alfabetização, não sabiam ler, nem escrever. Um ano depois o Cacique João Alves, o Batata, teve um infarto e morreu. Depois nesse momento ninguém da aldeia queria ser Cacique, devido os dois últimos terem morrido.

A aldeia passou um tempo sem Cacique, com tempo, a aldeia tinha um novo Cacique, o Almir Braz, com vice Cacica Anailda de Jesus, ficaram pouco tempo. Novamente a aldeia ficara sem Cacique. Até que dois jovens irmãos decidiram ser os novos Caciques, Valdiram Braz e vice Marivaldo Braz. Com mais de um ano eles trocaram de cargo, Marivaldo tornou-se Cacique e Valdiram o vice Cacique.

A história se repetiu, novamente a aldeia sem Cacique, até que Anailda de Jesus pegou a missão com o vice Cacique Otelino Braz, e até os dias de hoje estão na liderança da aldeia.

Dalva dos Santos afirma: “meu pai foi muito importante para nós, sabia ler, escrever, trouxe muitas coisas para dentro da aldeia nesse tempo”. Como Dalva relata, Herculano Pataxó dos Santos foi quem deu o pontapé para a construção da escola, uma pequena farmácia e o registro da aldeia. Ele é pai de Dalva dos Santos, morou na aldeia Caramuru, em Pau Brasil (BA), entre os Maxakali (MG), na Aldeia Barra Velha (Porto Seguro - BA), e foi uns dos primeiros moradores da aldeia Boca da Mata. Residiu também com os Pataxó na aldeia Guarani, em Carmésia (MG), após separar-se de sua esposa, que retornou para sua terra de origem, aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu, em Pau Brasil. Depois de um tempo, ele veio, então, morar com sua filha no Severo e deu muitas contribuições para a constituição da aldeia.

Dalva dos Santos confirma: “Pai conversou com os parentes moradores do Severo e Estivado, disse que ele queria registrar esses lugares como aldeia na FUNAI; os moradores do Estivado concordaram, porém os moradores do Severo não aceitaram que fosse à FUNAI”. Finalmente, foi na FUNAI de Eunápolis e registrou o Estivado como Aldeia Meio da Mata. A aldeia ganhou esse nome por ficar exatamente entre duas outras aldeias, a aldeia mãe, Barra Velha e a aldeia Boca da Mata.

Os moradores do Meio da Mata e do Severo sobreviviam da caça, da pesca, e plantavam. Após as colheitas, faziam cargas de animais com todos os alimentos cultivados, a farinha, e desciam para os vilarejos como Caraíva, Corumbau e aldeia Barra Velha, onde vendiam e trocavam seus alimentos por peixes etc.

Herculano montou uma pequena farmácia na casa da sua filha. Dalva destaca: “Buscava os remédios na FUNAI em Eunápolis; ele pegava o carro do leite na Fazenda Grande. Atravessava o rio e ia andando até lá, onde pegava o carro do leite até o Monte Pascoal; de lá, pegava o ônibus até Eunápolis. Era assim um sufoco danado!”. A FUNAI contratou Herculano como enfermeiro da aldeia. Após três meses, foi “descontratado” devido ao fato de não ter documentos; contudo, continuou sendo

voluntário, pois tinha grande conhecimento na área. Jucelino Sales relata: “o véio Herculano que puxou com ele, com o padre pra fazer a igreja, a igreja tipo escola era tudo junto”.

Em seguida, Dalva explica: “Tudo foi pai, minha fia, pai trazia o padre da Boca da Mata, lá de cima, no cavalo, trazia aqui, montado, Frei Constantino, andou aqui dentro, casou Nilda, tudo aqui dentro na barraca de palha ali, tudo ali, onde ia ser uma farinheira [casa de fazer farinha], nós batizou os filhos de Mocinha tudo ali”. Jucelino Sales foi o único filho de Francisco que nunca saiu do Severo, reside na aldeia até hoje; desde sempre, foi agricultor.

A aldeia indígena Pataxó Meio da Mata fica no Território Indígena de Barra Velha e possui, hoje, 90 famílias com 325 habitantes. Possui energia elétrica, internet, água encanada, um posto de saúde, três igrejas evangélicas, uma igreja católica e um centro cultural. A maioria das casas é de tábuas, algumas poucas de taipas e de tijolos.

Sobrevivem da agricultura, artesanatos de madeiras, da pesca, e caça; alguns são funcionários públicos, trabalham na escola, no posto de saúde. A aldeia Meio da Mata é a maior produtora de pimenta do reino entre as aldeias Pataxó da Bahia. As estradas que dão acesso à aldeia não têm manutenção pela prefeitura; quando chove, ficamos ilhados na aldeia; o transporte público também não existe.

A seguir mostrarei fotos de plantios e produtos agrícolas da aldeia.



(Fonte: Natan Brito, 2022, plantios de café da aldeia Meio da Mata)



(Fonte: Amarilson Sales, 2018, plantio de pimenta do reino)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2019, 2023, plantio de pimenta do reino)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, plantio de cacau)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2020, colheita de melancia)



(Fonte: Cacica Anaílda Braz, 2023, colheita de banana)



(Fonte: Natan Brito, 2022, plantios de mandioca, aipim, e banana)

2 EDUCAÇÃO INDÍGENA, COMUNIDADE E ESCOLA

*Somos microcosmos do organismo da Terra, só precisamos lembrar disso.
Ailton Krenak*

Nesta seção, apresento como é a educação indígena na minha aldeia, mostro pensamentos decoloniais, e os desafios desses ensinamentos serem aceitos pela sociedade.

2.1 Colonialidade e decolonialidade

Os povos indígenas vivem sob ataques desde 1500. No início da colonização, os indígenas foram submetidos a novos paradigmas culturais, religiosos, territoriais. O colonizador busca sempre o capital, e diminui o próximo com seu achismo. Observamos que na atualidade estamos ultrapassando esse mesmo processo. FANON, em uma das suas escritas, fala do papel do colonizador:

O mundo colonial é um mundo maniqueísta. Não basta ao colonizador limitar fisicamente o colonizado, com suas polícias e seus exércitos, o espaço do colonizado. Assim, para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colonizador faz do colonizado uma quinta-essência do mal. A sociedade colonizada não somente se define como uma sociedade sem valores (...) O indígena é declarado impermeável à ética, aos valores. É, e nos atrevemos a dizer, o inimigo dos valores. Neste sentido, ele é um mal absoluto. Elemento corrosivo de tudo o que o cerca, elemento deformador, capaz de desfigurar tudo que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas. (FANON, 2003, p. 35-36).

Sobre colonialidade, Oliveira e Candau afirmam ainda que:

A colonialidade do ser é pensada, portanto, como a negação de um estatuto humano para africanos e indígenas, por exemplo, na história da modernidade colonial. Essa negação, segundo Walsh (2006), implanta problemas reais em torno da liberdade, do ser e da história do indivíduo subalternizado por uma violência epistêmica. Podemos afirmar, concordando com Mignolo (2003), que o discurso da história do pensamento europeu é, de um lado, a história da modernidade europeia e, de outro, a história silenciada da colonialidade europeia. Pois, enquanto a primeira é uma história de autoafirmação e de celebração dos sucessos intelectuais e epistêmicos, a segunda é uma história de negações e de rejeição de outras formas de racionalidade e história (OLIVEIRA e CANDAU, 2010, p.22).

Os trechos citados acima pelos autores FANON, OLIVEIRA E CANDAU

mencionam como os europeus pensam sobre outros povos que vivem fora da Europa, são preconceituosos e o principal pensamento é doutrinar, colonizar, silenciar toda cultura, costumes e línguas, com pensamento ultrapassado, maldoso, obrigando todos a falar suas línguas e seguir suas crenças.

A colonialidade funciona como hemodiálise, tem como objetivo filtrar e repetir a trajetória do poder, perpassa durante gerações, permitindo ficar viva a todo tempo. Durante esse processo, o capitalismo se torna eixo de dominação baseado na exploração, torna um embrião na sociedade. Nesse momento que surge a classificação de raça, em função de poder, com ideia de superioridade.

É preciso que toda sociedade seja descolonizada, os governantes do nosso país, as escolas, as universidades, para isso todos precisam adotar pedagogias decoloniais, interculturais. Como diz Oliveira e Candau,

Almejar desenvolver uma reflexão sobre o ensino de história e suas bases epistemológicas a partir da perspectiva “outra” proposta pelo grupo “Modernidade/Colonialidade” requer operar uma mudança de paradigma como condição para o reexame da interpretação da história brasileira. Essa mudança de paradigma implica também a construção de uma base epistemológica “outra” para se pensar os currículos propostos pela nova legislação, ou seja, novos espaços epistemológicos, interculturais, críticos e uma pedagogia decolonial. (OLIVEIRA e CANDAU, 2010, P.37 e 38).

E mais, conforme aponta Walsh (2009, p. 27):

[...] pedagogias que dialogam com os antecedentes crítico-políticos, ao mesmo tempo em que partem das lutas e práxis de orientação decolonial. Pedagogias que [...] enfrentam o mito racista que inaugura a modernidade [...] e o monólogo da razão ocidental; pedagogias que se esforcem por transgredir, deslocar e incidir na negação ontológica, epistêmica e cosmogônico-espiritual que foi, e é, estratégia, fim e resultado do poder da colonialidade.

Segundo os autores acima, é preciso descolonizar as mentes, abrindo espaço para novas pedagogias decoloniais, para promover reflexões históricas, permitindo mudanças.

O Brasil poderia ser um país compreensivo, um lugar que viveu as mais brutas crueldades por causa do poder. Não é admissível viver num lugar onde não são respeitadas as diversidades culturais. A negação é visível. O que falta, realmente, são políticas públicas, políticas afirmativas que funcionem.

As populações indígenas que aqui viviam há milhares de anos além de nossos descendentes que continuam aqui, são temas para arqueologia, como se nós não

existíssemos. Os indígenas após 1500 não são considerados suficientemente humanos para serem reconhecidos em suas particularidades. Nossos conhecimentos são rejeitados nas práticas de ensino por serem considerados não científicos. Esse pensamento é resultado e continuidade do processo colonial. Por tudo o que nós indígenas passamos, extermínio, humilhação, escravidão, somos considerados coitadinhos, que precisamos de favores não merecidos. Gersem Luciano Baniwa observa ainda que as leis são formas de manifestar o sentimento de culpa:

A sociedade brasileira tentou dar sua contribuição por ocasião da Constituinte de 1988, assegurando direitos básicos que garantissem a continuidade étnica e cultural dos povos indígenas, por meio dos direitos sobre suas terras tradicionais e o reconhecimento de suas culturas, tradições e organização social, além do reconhecimento da plena capacidade civil e de cidadania. Minha hipótese é de que essas conquistas legais tinham relação com sentimento de culpa pelos séculos de massacres e mortes impostos aos índios pelos colonizadores, portanto, como medidas reparadoras do ponto de vista moral (grifo nosso) (LUCIANO, 2013).

As leis não são capazes de reparar todo mau feito a nós, elas são feitas para serem cumpridas, porém vivemos num país que burla regras, leis com uma normalidade. Assim como Luciano disse, criar leis para facilitar a harmonia entre os brasileiros, é tentativa de diminuir a culpa pelas tragédias que causaram a nós.

A Lei nº 11.645/2008, com certeza foi resultado da participação efetiva de indigenistas que desejavam incluir o tema da diversidade no currículo escolar. Mas, aqui vemos a total imposição, pois foi preciso uma lei para dizer que a cultura dos povos indígenas é importante e que deve ser explanada em escolas, universidades do Brasil.

Essas pessoas, que se dizem brasileiros com esses tipos de pensamentos, devem refletir sobre os processos educacionais em sua volta, pensar a interculturalidade crítica, repensar a educação, percebendo que nós povos indígenas, não somente conseguiremos conquistar esses espaços como também nos manteremos neles. É necessário perceber que a sociedade e a comunidade escolar do Brasil ganharão muito se incluir no processo escolar os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. Por que a questão indígena, desde os anos 1500, não teve lugar de prestígio e ainda hoje é tratada pela sociedade com inferiorização? Simplesmente pelo fato de termos crenças, costumes, tradições diferentes, que para muitos não é cientificamente conhecido.

Embora, a lei nº 11.645/2008, que impõe às escolas públicas e privadas terem

em seus processos educacionais a temática indígena no seu currículo, não é devidamente respeitada e quando é aplicada, ocorre de maneira errônea, pois não há respeito à diversidade de cada povo, além do que os livros ensinam como se nós vivêssemos em 1500.

Acredito que essa lei foi uma maneira de tentar diminuir a dívida da colonização, o preconceito, a discriminação racial. Vivemos numa sociedade machista, corrupta, preconceituosa, que deve nascer de novo, no sentido de reexaminar, refletir, que somos um país multicultural e intercultural.

Após essa reflexão, quero deixar claro que a decolonialidade indígena precisa ser primeiro aplicada e vigiada. Depois, são necessárias mudanças substanciais na sociedade brasileira a partir da construção de um pensamento decolonial. Percebe-se que a temática indígena, tomada em sua profundidade, tem potencial de provocar inquietações e as inquietações provocarem mudanças. As mudanças não ocorrerão apenas pela efetivação da lei, mas fundamentalmente pela transformação dos centros de ensino em lugares de múltiplos saberes, e com nós indígenas juntos. Nossa história tem que ser contada e transmitida a todos.

Quando aprofundamos o pensar em decolonialidade, na escola indígena refletimos sobre todos os processos, desde o primeiro tijolo, onde todo currículo era doutrinar todos, desde crianças a adultos, com seu modelo de escola tradicional. A decolonialidade veio para pensar uma escola indígena intercultural bilíngue e diferenciada, temos nosso ppp, com currículo misto. Que currículo é esse? É a inclusão da nossa língua materna, o Patxôhã, como disciplina obrigatória, desde a creche ao terceiro ano do Ensino Médio, além de permitir interculturalizar todas as disciplinas, baseando-se nos conhecimentos tradicionais indígenas da aldeia e do povo Pataxó.

Escola decolonial é ser livre, não aceitar as doutrinas e currículos colonizadores, é pensar uma escola viva, pluridiversa. Ter uma pedagogia escolar que permita ser diversificada, respeitando crenças, costumes e tradição dos estudantes. Que transmita a verdade sobre os povos que existem no Brasil, como povos indígenas, ciganos, afrodescendentes, quilombolas e outros.

E para ter uma escola realista, sem perversidades colonialistas, é necessário preparar todo o corpo escolar para não ser preconceituoso, discriminatório e racista. Sabemos que será um trabalho difícil, pois a sociedade pensa que é superior e que possui o poder, mas temos que superar esse histórico de maldições e intolerância.

Para Luciano (p. 164):

O grande nó é que essa decisão teoricamente deveria ser da sociedade brasileira, mas na prática passa por uma minoria da elite que manipula a consciência da maioria, porque detém o poder político e econômico e todo o aparato instrumental à sua disposição, como os meios de comunicação de massa, a tecnologia e o próprio sistema educacional estabelecido. A esperança é a de que, apesar do poder manipulador das elites, a sociedade brasileira – representada por alguns políticos decentes e comprometidos com o bem-estar social de todos – consiga vencer o preconceito, o racismo, a intolerância e a prepotência de poucos.

Como vemos, o Gersem Luciano Baniwa (2013) diz que para vencermos, todos tem que fazer sua parte, não apenas as escolas, mas toda a sociedade, e que o governante tem que pensar um projeto de nação, um Brasil sem preconceitos, sem racismo.

No meu ponto de vista Pataxó, ser decolonial é revisar, reavaliar toda história colonial, mesmo que sangrenta, aprender que somos resistência, resistência de viver com o preconceito e o racismo ao nosso redor, sem deixar que nos menosprezem, dizer que somos a terra, como as matas, os rios, que sem nós eles não existem na história.

O modo de ser colonial apresenta uma construção de significação de mundo, de corpo, de modos de viver e de estar no mundo que vêm se intensificando desde as navegações. No pensar colonial éramos seres sem vidas, sem luz, que precisavam de modernidade, no vestir, no falar, na adoração e no jeito de se comportar. Essa ideia foi tomando conta de grande parte da população e governantes do Brasil, que ainda nos dias de hoje querem a todo custo nos colonizar com seus pensamentos; dizendo que o "branqueamento" é importante para que os indígenas evoluam; uma ideia errônea, pois é necessário a aceitação de que o nosso país é diversificado e intercultural. Precisamos de paz. De acordo com o parente Ailton Krenak, "o modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total" (KRENAK, 2020, p. 55). Ailton Krenak reiterou que

"Cada indivíduo dessa civilização que veio para saquear o mundo indígena é um agente ativo dessa predação" (2020, p. 62): O sistema capitalista tem um poder tão grande de cooptação que qualquer porcaria que anuncia vira imediatamente mania. Estamos todos nós, viciados no novo: um carro novo, uma máquina nova, uma roupa nova, alguma coisa nova. Já disseram: 'Ah, mas a gente pode fazer um carro elétrico sem gasolina, não será poluente'.

Mas será tão caro, tão sofisticado que se tornará um novo objeto de desejo (KRENAK, 2020, p. 32).

Assim como diz Ailton Krenak, a ganância do poder faz um ser que se diz humano provocar o genocídio de um povo, impondo a ocidentalidade como se fosse algo de outro mundo, uma inovação com objetivo capitalista.

Sendo decolonial retomamos as rédeas de escolher o que é bom e rejeitar o que é ruim. Agora somos nós que fazemos as escolhas e não deixaremos o outro dizer o que podemos fazer. Nós, os indígenas, temos nosso jeito, nossa maneira de viver, respeitando cada tempo e a natureza:

O povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para sua existência e para manifestação de sua expressão, da sua vida, da sua cultura que não coloca em risco, nem nunca colocaram, a existência sequer da vida dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos (KRENAK, 1987).

Como nosso pensador Ailton Krenak expõe, somos povos que temos como legado o respeito, que toda a vida é importante, assim como manter as florestas em pé e os rios sadios. Nossos ensinamentos não destroem vidas, nem a outros seres humanos, ou qualquer tipo de vida.

A sociedade brasileira tem um pensamento colonial arraigado, onde as mentiras pregadas ao longo dos anos são a realidade para ela, porque define como coisa boa as utopias europeias; só é bom o que vem da Europa, assim desprezam todos os outros conhecimentos tradicionais.

Para reverter este quadro de eterna colonização, é necessário que a sociedade deixe o orgulho de lado e venha aprender com nós indígenas, com o pé no chão, para aprender o verdadeiro significado de diversidade, para entender que tradicional é origem.

Por fim, ser decolonial é viver o que temos, aprender que nossa origem é importante, que nossas organizações perduram há anos, afirmar que esses termos são formas de estudos, que relata como éramos tratados, ou seja, como eles faziam com nós, que o capitalismo e a alienação por parte deles ainda está presente dias de hoje. Mas, com nossa força e resistência, estamos firmes para enfrentar. Agora estamos divulgando nossa ancestralidade para o mundo não romantizar a história que não viveram. Edson Kayapó (2015), menciona:

Paralelamente ao avanço das teorias racistas contra os povos indígenas, o romantismo literário e artístico brasileiro pautou suas representações no indígena idealizado como ingênuo, forte e bom, sendo este um dos elementos fundantes da cultura genuinamente brasileira. Como demonstra Bosi (1992), o indígena se transformava num mito, que ao final é morto ou assimilado pelo colonizador. Portanto, o índio morto ou assimilado do romantismo está na origem do Brasil independente. (KAYAPÓ, 2015, p. 45).

A todo momento temos notícias sobre o que vivem os povos indígenas, como bem citado acima, por Kayapó. O ódio e o racismo são o que o povo branco tem de herança, pois não consegue assimilar que hoje somos combinação que eles precisam para ter uma vida melhor.

2.2 Letramento e oralidade

O povo Pataxó atualmente vive em alguns lugares no território brasileiro, com diversas tradições, costumes e formas de expressões linguísticas e corporais. A aldeia Meio da Mata foi criada pelo patriarca Francisco Severiano dos Santos, conhecido como Chico Palha, conforme já discutido. Tudo começou através da oralidade. A aldeia Meio da Mata, assim como as outras, foi se povoando atrás da oralidade. O patriarca Chico Palha convocou todos seus filhos, solteiros e casados, deu a seguinte ordem: todos iriam trabalhar com ele na nova aldeia que se iniciava, todos obedeceram e vieram.

Todos os conhecimentos e as técnicas de manejo foram repassados por meio da oralidade. Até hoje muitos conhecimentos ancestrais são passados pela oralidade. É impossível pensar a educação indígena sem a oralidade.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2021, plantio de mudas de açaí, e mudas de plantas nativas, sistema agrofloresta)

Nós indígenas, no todo, sempre fomos povos da oralidade, embora deixássemos nossos traços por onde passávamos, por meio das gravuras em cavernas, rochas, árvores. Hoje é evidente e importante o papel da oralidade, algo que por muito tempo foi questionado, por ser uma prática usada por povos que não possuíam o domínio da escrita.

Observa-se que sempre existiu uma dicotomia entre a oralidade, a escrita e até mesmo o letramento, assim como vemos no texto de Luiz Antônio Marcuschi:

Esta mudança de visão operou-se a partir dos anos 80, em reação aos estudos das três décadas anteriores em que se examinavam a oralidade e a escrita como opostas, predominando a noção da supremacia cognitiva da escrita dentro do que Street (1984) chamou de "paradigma da autonomia". Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje, como se verá adiante, predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais (MARCUSCHI, 2001)

Percebemos como estão ativos os pensamentos de que a escrita é uma arma, uma forma de exercer poder, sobre a oralidade:

Como já notamos, o problema é, por um lado, de compreensão de mensagens e conteúdos e, por outro lado, de produção de mensagens. A começar do nível mais elementar de relações de poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder (GNERRE, 1991)

O letramento é a maneira de interpretar o mundo e ao longo dos tempos vamos adquirindo diversas formas de letramento. Como afirma Marcuschi (2001), "*O letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem "letramentos sociais" que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados*". Na história podemos observar que a escrita sempre teve e tem lugar de prestígio e com essa ferramenta muitos povos foram dizimados, como diz Gnerre (1991), a escrita ou letramento é como o arame farpado que é capaz de separar, dividir pessoas.

A escrita para nós da aldeia é algo recente, veio em meados dos anos 90, foi nosso primeiro contato com os códigos, mas a oralidade é ancestral, memórias vividas, somos povos da oralidade. A oralidade tem um papel central na comunidade, na escola, na educação indígena, aqui todos os conhecimentos são transmitidos pela

oralidade.

A educação indígena na aldeia é repleta de conhecimentos, saberes interculturais, multidisciplinares. Uma comunidade é formada por todas as pessoas que trabalham e colaboram para a construção de uma educação de qualidade, como as lideranças, os sábios anciões, curandeiros, pajés, os pais, as mães, os discentes, a equipe que trabalha na escola, vigia, motorista, merendeira, auxiliar de limpeza, professoras, professores, coordenadores pedagógicos. A resistência da educação indígena comunitária é importante para a manutenção de identidades étnicas. Mundurucu afirma que:

Ainda que ignorado, negado ou transformado pelos colonizadores o saber que sempre alimentou as nossas tradições se manteve fiel a seus princípios fundadores. Isso desnordeou os invasores nos idos de 1500 e continua desnordeando os invasores de nosso tempo, que pretendem destruir as tradições resistentes, com algumas baixas, ao canto da seria do capitalismo, cujo olhar frio concentra-se na fragilidade humana, capaz de vender sua dignidade e ancestralidade em troca de conforto e bem-estar.

Essa resistência continua viva. Tais tradições se mantêm especialmente por meio de práticas regidas por uma concepção elaborada não pela academia ocidental – embora ela também já a tenha descrito, mas sem proveito real, como se pode ver nas referências bibliográficas-, mas pela experiência de vida, observação meticulosa dos fenômenos naturais e pela certeza de que somos fios na teia da vida. (MUNDURUCU, 2010, p. 54)

Concordo com MUNDURUCU quando diz que nossas tradições se mantiveram fiéis, com toda desumanidade dos colonizadores, somos resistências vivas.

Abaixo, seguem exemplos de como a escola da comunidade em Meio da Mata tem a oralidade como centralidade, no trabalho que envolve os mais velhos, as crianças e os professores:



(Fonte:Aynoã Santos, 2022, pintura e limpeza do centro cultural, alunos e comunidade)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, crianças e jovens aprendendo na prática, educação indígena)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, centro cultural)

A comunidade foi minha grande aliada. É com ela que busquei relatos, depoimentos, histórias vivenciadas para a conclusão deste trabalho. Ressalto que todos os conhecimentos tradicionais, cosmológicos são reconhecidos e respeitados por nós. Isso que é válido, porque sabemos que existem opiniões e pensamentos abissais que se dizem modernos, mas são pensamentos excludentes, preconceituosos, que não reconhecem saberes, ensinamentos tradicionais, como observamos nas reflexões dos autores SANTOS e MENESES:

No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia. O caráter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não-científicas de

verdade. Sendo certo que a validade universal da verdade científica é, reconhecidamente, sempre muito relativa, dado o facto de poder ser estabelecida apenas em relação a certos tipos de objetos em determinadas circunstâncias e segundo determinados métodos, como é que ela se relaciona com outras verdades possíveis que podem inclusivamente reclamar um estatuto superior, mas não podem ser estabelecidas de acordo com o método científico, como é o caso da razão como verdade filosófica e da fé como verdade religiosa? (SANTOS, MENESES, 2010, p. 33).

Quando os autores acima mencionam pensamentos abissais, é como a sociedade imagina, para explicar o processo de invisibilidade e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo saber ocidental.

Na aldeia a educação indígena vem de berço, somos privilegiados pelos ensinamentos dos pais, mães, irmãos, dos mais velhos, que nos transmitem ao longo da vida dons especiais, modos como devemos nos portar em cada situação que venha a aparecer.

A Educação Indígena é intrassocial e acontece no contexto social em que se vive, dispensando o acesso à escrita e aos conhecimentos universais, pois cada povo indígena tem suas formas próprias e tradicionais de educação caracterizadas pela transmissão oral do saber socialmente valorizado.

Antes da nossa vida escolar, temos a educação indígena, que permanece até o findar das nossas vidas. Fora da instituição escolar são repassados costumes, crenças, nossa história, todo ensinamento, conhecimento que precisamos para encarar todas as dificuldades que porventura aconteçam. Rituais de passagem ancestral é uma característica da educação indígena, orientando as etapas da vida dos Pataxó, que devem vivê-la plenamente para que não careçam da incompletude que uma etapa mal vivida possa ocasionar.

Assim uma criança, um jovem e um adulto têm que viver bem cada etapa delas para que possam envelhecer com sabedoria e ensinar a comunidade os conhecimentos culturais apreendidos ao longo da vida, com o relacionamento com os velhos, com a terra, com a natureza, com a comunidade e com os Naô [espíritos] e consigo mesmo. Kanatyo Pataxó traz uma pedagogia que nos faz lembrar que somos natureza.

A pedagogia da lente do nosso olhar e as mãos da natureza é um movimento entrelaçado da nossa educação com a nossa vida na terra. Com o movimento da nossa vida na terra, vamos usar a força da lente do nosso olhar, da nossa mente, da nossa audição para fortalecer a nossa cultura, nossa educação e a cura da nossa terra.

A nossa pedagogia está enraizada com a natureza, com ela vamos

acompanhar todos os movimentos que ocorrem em nosso ambiente e, assim, vamos extrair conhecimentos para nossa vida. Entendemos que nós e a natureza fazemos parte do mesmo corpo, somos danças, sons e imagens no universo e assim com esse pensamento iremos manter a força da nossa cultura dentro desse ciclo sem fim da natureza. (PATAXÓ, 2013, p. 7)

A natureza é parte de nós. Com ela direcionamos todos os nossos afazeres, desde o nascer, ela dá tudo o que precisamos, por isso cuidar e respeitar é nosso mandamento. A educação indígena traz consigo orientações que pautam e dão sentido ao mundo a partir da ancestralidade, valorizando a língua materna, o território e a identidade cultural. Vamos estar preparados para lidar com todo tipo de acontecimentos, pois estaremos com corpo e espírito fortes, preparados.

Trazemos aqui nesse diálogo as epistemologias do Sul - uma teoria epistêmica que questiona os saberes que foram suprimidos ao longo dos últimos anos e as suas intervenções epistemológicas que denunciam supremacia de saberes que se dizem dominantes há séculos e discute um diálogo entre estes conhecimentos.

Baseado nesses argumentos, observamos que estamos rodeados de pensamentos etnorracistas, que fazem separação dos conhecimentos tradicionais e científicos, menosprezando conhecimentos originários.

Assim, a linha abissal invisível que separa o domínio do direito do domínio do não-direito fundamenta a dicotomia visível entre o legal e o ilegal que deste lado da linha organiza o domínio do direito. Em cada um dos dois grandes domínios -- a ciência e o direito - as divisões levadas a cabo pelas linhas globais são abissais no sentido em que eliminam definitivamente quaisquer realidades que se encontrem do outro lado da linha. (SANTOS, MENESES, p. 34)

Mais uma vez está explícito nas palavras de SANTOS e MENESES que a sociedade faz separação, dizendo que nosso conhecimento, por ser tradicional, é invisível, que apenas a ciência e o direito são legais perante o mundo.

Nossa comunidade educativa (a aldeia junto às lideranças e todo corpo escolar) sempre está debatendo e refletindo a partir das opiniões de todos, para assim buscar uma educação dos sonhos. O que fazer para encontrar uma educação que queremos? O que já conquistamos? O que temos hoje? São indagações que busco detalhar ao longo desta dissertação, com o objetivo de aprofundar nesses aspectos educacionais, analisando avanços relevantes e os problemas ao longo desse percurso histórico.

Na aldeia, anos depois, tinha apenas duas pessoas que tinham o domínio da escrita e da leitura, era letrado. O letramento na vida de Herculano Pataxó e Dalva

Santos, com certeza foi fundamental para vida de todos, pois todos os procuravam para ler todas as cartas, bulas de remédios, comunicados. Herculano Pataxó foi quem fez o intermédio com o Frei Constantino, que era da paróquia de Itamaraju, para construir uma escola na aldeia, pois até então não havia escola. Isso aconteceu no início do ano de 1994, época que não tinha acesso para carros na aldeia. Fizeram uma reunião e comunicaram a todos sobre a construção da escola, algo inédito estava para acontecer. Todo material da escola foi carregado de canoa e jegue.

2.3 Cosmologia multidisciplinar tradicional e suas práticas

A vida indígena, com todas as suas riquezas, deixa um legado enorme de contribuição para o desenvolvimento de diversos saberes da humanidade. E aqui não é diferente; como toda aldeia indígena subtraímos conhecimentos milenares por intermédio de todos da comunidade desde as crianças até os nossos anciões (livros vivos). Apresento a seguir inúmeros aprendizados afirmados, reconhecidos.

Início com as fases de lua. A Lua, satélite natural da terra, a partir de suas fases, serve como referência ao cotidiano indígena, com influência diretamente na agricultura, caça e pesca, sabendo qual o melhor período para colher frutos, plantar, pescar certas espécies de peixes e quando ocorre a época mais farta para a caça, assim como para o corte da madeira, também para fazer uso da medicina tradicional, como para cortar cabelo das jokanas (mulher). Através da lua fazemos rituais em agradecimentos a bênçãos concedidas por ela, dá para saber sobre como vão ser os partos, se serão rápidos ou demorados e também usamos para fazer preparo de alguns alimentos como a goma, tapioca.



(Fonte; Naktã Pataxó, 2022, estudantes raspando aipim)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, estudantes e comunidade, tirando goma)

Com a interação com o meio ambiente e com a natureza ao nosso redor, da forma menos prejudicial possível, reconhecemos a natureza como uma aliada que nos fornece todo o necessário às nossas vidas, agindo como fonte de alimento e proteção. Por meio dessa observação sabemos como vem o vento, se é para chuva ou não, também o nome do vento.

No plantio, usamos todos os conhecimentos tradicionais que nos foram transmitidos, antes e durante a plantação. Seguimos as orientações como o mês certo e lua certa para obtermos boas colheitas.



(Fonte: Natan Brito, 2022, plantios da aldeia, sistema agroflorestal)

São repassados também todos os cuidados necessários para entrar na mata. Devemos ser atentos, vigilantes. Claro que tem que ter toda preparação antes. Quando falamos preparação é pedir licença aos seres encantados e levar para eles fumo no bolso, para não sermos atraídos, e nos perdemos. E mais, nossos costumes, tais como confecções de artesanatos, são passados de forma natural. Olhamos e observamos os nossos mestres e aprendemos. Às vezes, eles ensinam o passo a passo.

Na medicina tradicional, são repassados os conhecimentos. Alguns não podem por ter segredos, mistérios. Mas, desde o nascer usamos esses conhecimentos para nos curar. Aqui na aldeia é assim, quando preciso, vou até minha mãe e pergunto as ervas a utilizar e como fazer, o remédio que estarei precisando, também vejo com minha irmã que tem muito conhecimento na área. Dessa maneira fica sempre viva essa prática.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023 ervas medicinais)

Durante a pandemia da covid 19, fiz uso de diversos remédios medicinais, aprendi com minha mãe e minha irmã, fiz garrafada para falta de ar, essa garrafada ajudou muito um parente da Aldeia Coroa Vermelha que teve Covid 19. Estava com pulmão comprometido, contribuiu bastante para a cura do rapaz. Durante períodos da gripe usamos bastante xaropes, lambedores, que funcionam muito bem. Esse ano minha filha pegou dengue, o que ajudou nas coceiras foram algumas ervas medicinais. Todas essas ervas medicinais acima são as que tenho contato diariamente, também as que mais uso, inclusive para queda de cabelo. Essa educação indígena aprendi observando e indagando.

Boa parte desses ensinamentos e histórias são transmitidos em volta de uma fogueira, algo milenar. Nesses momentos temos a noção de quão grande é essa riqueza dos ensinamentos... foram nesses momentos que conheci as histórias da minha etnia, também da minha aldeia, e as lutas dos meus avós. Claro, ali são contados os causos, lendas e as histórias vividas que nos deixam vislumbrar momentos cheios de

conhecimentos tradicionais.



(Fonte: Aynoã Santos, 2022, roda de conversa familiar em volta da fogueira)

Outro momento importante de educação indígena são os rituais. Nesses instantes vivemos as maiores experiências de nossas vidas, muitos saberes repassados, com certeza é o aprendizado mais lindo e gostoso de aprender. São momentos incríveis, prazerosos, que tornam os conhecimentos vividos inesquecíveis, levamos para vida toda. Algo que temos contatos desde a infância e levamos junto conosco para as outras fases da nossa vida e para outros lugares onde vamos. Adquirimos conhecimento e aguçamos nossos sentidos ao ouvir os cantos e cantar, dançar. Esses não são apenas um simples momento. Praticar a nossa língua materna através dos rituais se torna prática de afirmação cultural identitária.

Um ritual Pataxó é composto por todos os membros de uma comunidade. Nas rodas ou filas, primeiro vêm os homens, depois as mulheres e na parte final as crianças. Interessante é que as crianças aprendem observando, ficam atentos nos ritmos das danças, músicas, cantos. Alguns pais conversam como funciona e elas obedecem. No momento do ritual não precisamos preocupar com a organização da roda ou fila, porque todas as crianças já sabem seus lugares, aprendem brincando. Brincam de fazer ritual, e dessa maneira vão aperfeiçoando, descobrindo seus dons. Sem dúvida um dos ensinamentos mais importantes que aprendemos nesses

momentos de ritual é o respeito por nossos encantados e pelo contato com nossa mãe terra.



(Fonte: Herculí Sales, 2018, início roda de Awê)



(Fonte: Cristiane Barbosa, 2022, awê)

O awê é uma prática educativa e sagrada, nesse momento compartilhamos conhecimentos milenares.

Nas reuniões comunitárias, movimento de reivindicações, retomadas, aprendemos com nossas lideranças, observamos a sabedoria que eles possuem e como lidam com todas as lutas enfrentadas, sem desrespeitar ninguém. É um legado muito importante para nós. Nesses acontecimentos, somos privilegiados por estamos rodeados de grandes guerreiros.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, reunião comunitária, na escola)

Os indígenas em geral são povos da oralidade, nossa história até pouco tempo era escrita por não indígenas, mas hoje temos esse privilégio de escrever. A oralidade sempre foi o correio de repasse de sabedorias. Hoje não é diferente.

Segundo Gnerre (1991), conforme referido antes, a escrita constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder para se adquirir os conhecimentos relevantes e produzir mensagens está ligada, em primeiro lugar, à competência de conhecer e usar os códigos linguísticos. Mas esse grande mito vem desde a invenção dos códigos, a eles é atribuída toda grandeza, fazendo esquecer da oralidade, sabendo nós a importância da fala, da voz, do som. A oralidade faz parte da comunidade, é pela oralidade que todos os conhecimentos tradicionais são repassados.

3 A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ALDEIA MEIO DA MATA

*Construir relações entre as gerações é fazer um compromisso
com a vida que vai existir depois de nós.*

Ailton krenak

Esta seção apresenta a construção da educação escolar na aldeia Meio da Mata.

3.1 Leis que respaldam a educação escolar indígena

Desde 1500, com a invasão dos portugueses, fomos excluídos do direito de ter uma educação, coisa que permanece até os dias de hoje em muitas comunidades indígenas. Atualmente, temos este direito à educação escolar diferenciada, mas queremos usufruí-la com a devida importância social que ela representa para nós.

A escola proposta a nós indígenas é uma escola de doutrinação, alienação, fundamentada na colonização, destruindo todos os nossos conhecimentos étnicos, a famosa escola para “índios”. Kayapó diz:

A educação para os índios é uma prática pedagógica genocida, implantada pelos jesuítas e que perdurou por, pelo menos, cinco séculos, ganhando novas roupagens ao longo da história. Silva (1997) apresenta algumas características dessa educação: ela é um corpo estranho na aldeia; entra e se apossa da comunidade; a comunidade não é sua dona; os conteúdos ensinados não dialogam com as realidades dos povos indígenas; os professores são de fora da comunidade e o ensino acontece na língua do colonizador. Esse modelo de educação chegou ao meio indígena desestruturando as formas tradicionais de organização, ditando novas regras para o funcionamento da vida comunitária e resultou na extinção de centenas de línguas, na fragilização das identidades étnicas, das práticas coletivas e das línguas, assim como as espiritualidades originárias entraram em desuso entre os próprios indígenas, aos quais foram impostas as religiões cristãs. Os desdobramentos dessa situação serão o abandono de práticas alimentares sadias, a proliferação de doenças estranhas, enquanto as tradicionais formas de tratamento da saúde foram abandonadas, em favor da medicina e da farmacologia ocidental (KAYAPÓ, 2022, p.7).

Essa pedagogia genocida, como diz Kayapó, foi a tentativa de dizimação dos povos indígenas, foram extintos conhecimentos milenares, claro que alguns foram adormecidos. Agora fazemos outra pedagogia, a pedagogia da afirmação.

Apesar de toda essa humilhação, racismo, preconceito sofrido por nós pelos portugueses, hoje alguns indígenas permanecem com atitudes dos colonizadores,

sendo muitos resistentes a uma educação escolar diferenciada. Com esse obstáculo, torna-se difícil a concretização de um sonho de muitos guerreiros, que sempre lutaram e continuam lutando por uma educação que realmente nos define.

Apesar do direito à educação escolar específica e diferenciada, bem como o direito ao uso das línguas maternas serem regulamentados e garantidos aos povos indígenas, na Constituição Federal de 1988, na LDB de 1996, o RCNEI, no Parecer nº 14, na Resolução nº 3, é comum encontrar nas escolas indígenas, conteúdo das disciplinas ministradas da mesma forma que é ensinado aos não-índios, muitas vezes, seguindo o mesmo currículo e livros didáticos das escolas do entorno.

Na escola da aldeia, também seguiu-se esse formato por alguns anos, mudando apenas no ano de 2005, com a inclusão da disciplina Patxôhã (Língua Materna), assim tornando o ensino escolar bilíngue e diferenciado. No início com ênfase apenas da língua, hoje a disciplina abriu novas formas de ensino, não trabalha apenas a língua, mas também território, as lutas dos Pataxó, história da aldeia, ervas medicinais, jogos indígenas e outros.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2022, oficinas de adereços, estudantes do ensino médio)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2022, adereços, feitos com estudantes do ensino médio)



(Fonte: Andreia Braz, 2022, noite cultural, ensino médio)

Uma educação diferenciada, específica, intercultural e bilíngue associa a grade curricular prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais a tudo aquilo que envolve a vida do educando, dentro e fora de sala de aula e que envolve o seu desenvolvimento. Podemos ver o exemplo da escola dos parentes Pataxó, em Itapeçerica. Sobre isso, Kanatyo descreve como a escola deve ser:

A nossa escola é o lugar onde a comunidade busca dialogar com os temas que estão relacionados à sua vida dentro e fora da aldeia. Ela serve como base de instrução e orientação para ajudar a pensar o que é importante e fundamental para a vida da comunidade. Então, a escola tem o papel de circular dentro da aldeia. Se a comunidade não vai até a escola, por dever, a escola terá que ir até a comunidade. A escola é um bem social, cultural, e deve estar atenta para não perder de vista

os interesses coletivos que garantem e fortalecem a boa convivência, o espírito associativo e cooperativo entre todos da aldeia. Dessa forma, a escola e a comunidade pensam, juntos, o seu plano de vida. A partir do plano de vida da comunidade, apontamos aqui alguns aspectos de fundamental importância para o desenvolvimento sociocultural e bem comum de todos. Dentro deste plano de vida, queremos fortalecer a nossa medicina tradicional; desenvolver as experiências de como o nosso povo cuidava e trabalhava com a terra, de uma forma equilibrada, sem ganância e usura; (PATAXÓ, 2012, p.1-2)

Até conseguir que a educação escolar indígena se tornasse realidade, foram muitas lutas, primeiro contra uma sociedade colonizadora, onde a principal estratégia era a escolarização dos indígenas, por meio de não indígenas, quando eram aplicados o que queriam, sem a realidade da aldeia. Depois os professores não estavam preparados para lidar com nós indígenas, respeitando as especificidades. Para a educação escolar indígena se tornar realidade, precisou de políticas públicas eficazes, sendo que essa iniciativa partiu dos indígenas. Importante observar as ponderações do grande autor indígena KAYAPÓ, sobre a Constituição Federal do Brasil, ao falar das especificidades dos povos indígenas:

A promulgação da constituição cidadã de 1988 abriu novos horizontes para os povos indígenas no Brasil, em primeiro lugar reconhecendo que o país é pluriétnico e multilíngue e que esses povos devem ter suas identidades, territórios, tradições, memórias, histórias, rituais, línguas e conhecimentos ancestrais respeitados por todos e protegidos pelo Estado. A partir desse marco legal, os povos indígenas puderam inserir a educação indígena na escola, tornando a educação escolar mais aprazível e útil para a realização dos projetos societários dos povos originários. Segundo essa concepção, a escola indígena terá como base central o ensino que leve em consideração as línguas, os saberes, as memórias e as cosmologias indígenas, dialogando com os conhecimentos de outras sociedades, visando colaborar na gestão dos territórios originários e na revitalização e fortalecimento de tudo o que a educação para os índios destruiu ou desestruturou no meio indígena. A educação escolar indígena diferenciada abre novos horizontes para a educação escolar nas aldeias, possibilitando o rompimento com as práticas pedagógicas genocidas e integracionistas, colocando sob suspeita e confrontando as práticas pedagógicas que produzem e reproduzem a extinção das línguas maternas e a desestruturação dos modos próprios de organização sociopolítica desses povos. (KAYAPÓ, 2022, p.10)

Com base na lei acima, Kayapó diz que as escolas indígenas têm total respaldo na criação de um currículo específico, bilíngue, intercultural e diferenciado, que a gestão escolar em conjunto com comunidade ou conselho escolar podem ver o que pode ser aplicado em aula.

Mas vemos que não é assim que funciona, as prefeituras e estado, na maioria

das vezes, exigem e ordenam novos currículos, que não vão ao encontro da realidade da comunidade escolar. Por exemplo, aqui na escola da aldeia, este ano de 2023, está sendo exigido nas disciplinas de língua portuguesa e matemática a prova Brasil, um tipo de avaliação da escola, em que serão aplicados quatro simulados, durante o ano, para as turmas do 6º ao 9º ano. O que me chamou mais atenção foi o fato de as turmas serem multisseriadas e os conteúdos serem diferentes no sentido de se as turmas são multisseriadas, teria que ser um conteúdo para a turma, não dividir por série. O que me indignou foi ter dois jovens especiais e a secretária dizer que eles também tinham que fazer o simulado, sem eles saberem ler, um simulado de 14 questões da prova Brasil.

Em 1991, a educação escolar deixou de ser responsabilidade da FUNAI e passou a ser responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito. Em 1993, o MEC criou o Comitê de Educação Indígena, composto por representantes de alguns povos indígenas, assim como as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Indígena. Somente em 1999, o Conselho Nacional de Educação criou as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, com a preocupação de manter a diversidade cultural dos indígenas tendo como políticas a afirmação das identidades étnicas, a recuperação das memórias históricas e a valorização das línguas e conhecimentos dos povos indígenas.

Por sua vez, a Resolução nº 3 do Conselho Nacional da Educação, de 10/11/1999, ao interpretar a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), afirma em seu artigo primeiro:

Art. 1º Estabelecer, no âmbito da educação básica, a estrutura e o funcionamento das Escolas Indígenas, reconhecendo-lhes a condição de escolas com normas e ordenamento jurídico próprios, e fixando as diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngue, visando à valorização plena das culturas dos povos indígenas e à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

A resolução veio pela primeira vez fixar diretrizes nacionais para funcionamento das escolas indígenas e no artigo 9º definindo, por exemplo, as esferas de competência e responsabilidade pela oferta da educação escolar aos povos indígenas; estabelecendo um regime de colaboração entre União, Estados e Municípios, cabendo à União legislar, definir diretrizes e políticas nacionais, apoiar técnica e

financeiramente os sistemas de ensino para o provimento de programas de educação intercultural e de formação de professores indígenas, além de criar programas específicos de auxílio ao desenvolvimento da educação:

Art. 9º São definidas, no plano institucional, administrativo e organizacional, as seguintes esferas de competência, em regime de colaboração:

I- à União caberá legislar, em âmbito nacional, sobre as diretrizes e bases da educação nacional e, em especial:

- a) legislar privativamente sobre a educação escolar indígena;
- b) definir diretrizes e políticas nacionais para a educação escolar indígena;
- c) apoiar técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento dos programas de educação intercultural das comunidades indígenas, no desenvolvimento de programas integrados de ensino e pesquisa, com a participação dessas comunidades para o acompanhamento e a avaliação dos respectivos programas;
- d) apoiar técnica e financeiramente os sistemas de ensino na formação de professores indígenas e do pessoal técnico especializado;
- e) criar ou redefinir programas de auxílio ao desenvolvimento da educação, de modo a atender às necessidades escolares indígenas;
- f) orientar, acompanhar e avaliar o desenvolvimento de ações na área da formação inicial e continuada de professores indígenas;
- g) elaborar e publicar, sistematicamente, material didático específico e diferenciado, destinado às escolas indígenas.

II- aos Estados competirá:

- a) responsabilizar-se pela oferta e execução da educação escolar indígena, diretamente ou por meio de regime de colaboração com seus municípios;
- b) regulamentar administrativamente as escolas indígenas, nos respectivos Estados, integrando as como unidades próprias, autônomas e específicas no sistema estadual;
- c) prover as escolas indígenas de recursos humanos, materiais e financeiros, para o seu pleno funcionamento;
- d) instituir e regulamentar a profissionalização e o reconhecimento público do magistério indígena, a ser admitido mediante concurso público específico;
- e) promover a formação inicial e continuada de professores indígenas.
- f) elaborar e publicar sistematicamente material didático, específico e diferenciado, para uso nas escolas indígenas.

III- aos Conselhos Estaduais de Educação competirá:

- a) estabelecer critérios específicos para criação e regularização das escolas indígenas e dos cursos de formação de professores indígenas;
- b) autorizar o funcionamento das escolas indígenas, bem como reconhecê-las;
- c) regularizar a vida escolar dos alunos indígenas, quando for o caso.

§ 1º Os Municípios poderão oferecer educação escolar indígena, em regime de colaboração com os respectivos Estados, desde que se tenham constituído em sistemas de educação próprios, disponham de condições técnicas e financeiras adequadas e contem com a anuência das comunidades indígenas interessadas.

§ 2º As escolas indígenas, atualmente mantidas por municípios que não satisfaçam as exigências do parágrafo anterior passarão, no prazo máximo de três anos, à responsabilidade dos Estados, ouvidas as comunidades interessadas.

A educação escolar indígena, diferenciada e de qualidade, é também garantida pela Convenção 169 da OIT que foi aprovada no Brasil pelo Decreto Legislativo nº 143 de 20/06/2002 e promulgada pelo Decreto nº 5051 de 19/04/2004.

E a partir destes dispositivos Legais foi possível concretizar uma escola feita de indígenas para indígenas, que pudesse ser específica e diferenciada, comunitária, multilíngue e intercultural. Os artigos 26, 27 da Convenção 169 da OIT BRASIL, dispõem:

PARTE VI – EDUCAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO. ARTIGO 26

Medidas deverão ser tomadas para garantir que os membros dos povos interessados tenham a oportunidade de adquirir uma educação em todos os níveis pelo menos em condições de igualdade com a comunidade nacional.

ARTIGO 27

1. Os programas e serviços educacionais concebidos para os povos interessados deverão ser desenvolvidos e implementados em cooperação com eles para que possam satisfazer suas necessidades especiais e incorporar sua história, conhecimentos, técnicas e sistemas de valores, bem como promover suas aspirações sociais, econômicas e culturais.
2. A autoridade competente garantirá a formação de membros dos povos interessados e sua participação na formulação e implementação de programas educacionais com vistas a transferir-lhes, progressivamente, a responsabilidade pela sua execução, conforme a necessidade.
3. Além disso, os governos reconhecerão o direito desses povos de criar suas próprias instituições e sistemas de educação, desde que satisfaçam normas mínimas estabelecidas pela autoridade competente em regime de consulta com esses povos. Deverão ser facilitados para eles recursos apropriados para essa finalidade.

A escola passou a ser pensada dentro dos direitos humanos e sociais, foi reconhecida a diversidade cultural e as experiências sociopolíticas, linguísticas e pedagógicas. E, desta forma, valorizando o saber tradicional dos povos Indígenas, reconhecendo a educação com seus processos próprios de aprendizagens e visão de mundo de cada povo.

Para consolidar este quadro, um novo documento começou a chegar nas escolas indígenas de todo país: o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (BRASIL, 1998), documento indutor e orientador de novas práticas, que contou com a participação de técnicos e professores indígenas em sua formação. Trata-se de um longo e detalhado documento em que se apresentam considerações gerais sobre a educação escolar indígena, *“objetivando oferecer subsídios para a elaboração de projetos pedagógicos para as escolas indígenas, de forma a melhorar a qualidade do ensino e a formação dos alunos indígenas enquanto cidadãos.”*

O Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas pretende auxiliar no debate e na reflexão dos significados da expressão “uma escola indígena específica, diferenciada e de qualidade” e descrever quais suas características, bem como oferecer subsídios para “(...) a) elaboração e

implementação de programas de educação escolar que atendam aos anseios e interesses das comunidades indígenas; b) formação de educadores capazes de assumir essas tarefas e de técnicos aptos a apoiá-las e viabilizá-las". (RCNE/Indígena, 1998, p.13)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20/12/96), no artigo. 78 estabelece:

O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrado de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I – Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II – Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas.

No artigo. 79, a LDBEN dispõe sobre o desenvolvimento dos programas educacionais indígenas: A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos no Plano Nacional da Educação, terão os seguintes objetivos:

– Fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

– Manter os programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

– Desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

– Elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

O Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172 de 09/01/2001) aborda o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, caracterizada pela utilização das línguas maternas, pela valorização dos conhecimentos tradicionais e saberes milenares e pela capacitação de professores indígenas para atuarem em suas próprias comunidades. O Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, trouxe alterações significativas na política e ações da educação escolar indígena no Brasil, definindo sua organização em territórios etnoeducacionais:

Art. 2º São objetivos da educação escolar indígena:

I - valorização das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica;

II - fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna de cada comunidade indígena;

III - formulação e manutenção de programas de formação de pessoal especializado, destinados à educação escolar nas comunidades indígenas;

IV - desenvolvimento de currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

V - elaboração e publicação sistemática de material didático específico e diferenciado; e

VI - afirmação das identidades étnicas e consideração dos projetos societários definidos de forma autônoma por cada povo indígena.

No entanto, mesmo com as mudanças nas Legislações Brasileiras ainda há uma longa trajetória para que as propostas de políticas públicas educacionais saiam do papel e sejam concretizadas nas bases das comunidades indígenas.

A Educação Escolar Indígena do povo Pataxó, por ser um mecanismo de fortalecimento cultural, vem buscando manter sua cultura viva. Apesar de serem aldeias que são consideradas as que têm mais contato com a “civilização”, a escola está constantemente em luta e resistência para concretizar na prática uma Educação Específica e Diferenciada.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2019, aula de campo, conhecendo goti)

Para concretizar na prática uma Educação Diferenciada, as escolas indígenas, por serem comunitárias, precisam contar com participação efetiva da comunidade nas decisões legais da escola, LUCIANO fala que uma escola diferenciada possibilita recuperação e memórias históricas de um povo:

As escolas diferenciadas pautam suas ações e estratégias de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos na proposta de possibilitar às coletividades indígenas a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas, tradições e ciências, a defesa de seus territórios e outros direitos básicos, além de lhes dar acesso adequado às informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade global, necessários à garantia e à melhoria da vida pós-contato. (LUCIANO, 2006, p. 159).

A análise de LUCIANO nos remete que a escola indígena tem uma função importantíssima, em que seu principal objetivo é transmissão de conhecimentos, que leva a valorização tradicional e reafirmação identitária étnica.

Analisando em geral, percebemos que o direito a uma Educação Específica, Diferenciada, Intercultural, Bilíngue/Multilíngue, que é direito dos Povos Indígenas na Legislação Brasileira, não tem sido plenamente garantido. Mesmo assim, a escola tem resistido há quase três décadas, para existir através de muitas lutas e movimentos de lideranças e da comunidade, sempre buscando garantir e manter as características da Educação Escolar Indígena para aldeia.



(Fonte: Nadilson Santos, 2023, comunidade e escola, arraiaá escolar)

3.2 A construção da primeira escola

Apresento nesta seção como foi a construção da primeira escola. O material chegou ao Limoeiro, uma fazenda do outro lado do Rio Caraíva, carregado nas costas, depois foi transportado de canoa do porto para o lugar onde foi feita a escola, levado por animais, pois não existia estrada que dava para carros passarem, apenas animais e pessoas faziam o tráfego.

Dalva assegura: “tudo foi puxado pelo pai, pai que pediu o Padre”. A mão de obra foi paga pelo Padre Constantino. A escola possuía energia solar, apenas uma sala de aula, dois banheiros, uma cozinha e um quarto onde ficavam os professores.

Primeira Escola Indígena Pataxó Meio da Mata:



(Fonte: José Roberto ,1996)

Todos os conhecimentos por nós agregados foram importantes com a chegada da educação escolar, na comunidade, possibilitando trocas e abrindo novos horizontes de pensamentos. Ao longo desse processo escolar, a comunidade teve vários professores indígenas e não indígenas.

A educação escolar na aldeia começa no ano de 1994. A então Cacica Maria José procurava professor para trabalhar na aldeia. Por não conseguir, procurou uma sobrinha, Diana, para ensinar seus filhos a escrever e ler, neste mesmo ano. Era uma jovem que possuía a quarta série. Após o restante da aldeia ver ela ensinando os filhos da Cacica, quiseram que ela também ensinasse seus filhos.

No início, Diana lecionava apenas crianças de até uns dez anos no turno matutino. Depois de cerca de três meses, ela começou a dar aulas para os adolescentes e jovens no período vespertino. E, quase no final do ano, alguns pais

dos alunos quiseram ter aulas para aprender fazer o nome para assinar documentos. Eles estudavam ao fim da tarde.

Diana era moradora da aldeia Barra Velha, ela vinha para aldeia Meio da Mata a cada quinze dias mais ou menos. Vinha montada de jegue, sendo que poucas vezes veio de ônibus. O ônibus passava no outro lado do rio, na fazenda Limoeiro.

O salário que os pais pagavam a ela eram frutas, verduras e caças e outros alimentos, como bananas, canas, abóboras, aipim, batatas, farinha, beijus, tatus, pacas e peixes do rio, entre outros alimentos. Naquela época a aldeia não tinha ninguém empregado, por isso não podiam pagar a professora com dinheiro. PATAXÓ, descreve em sua dissertação, sua passagem aqui na aldeia, como a primeira professora, e diz:

Meu percurso como educadora começou mesmo antes de concluir o ensino fundamental e médio. Como tinha concluído a 5ª série, minha tia, então Cacique da aldeia Meio da Mata, me convidou para ensinar seus filhos e de outras pessoas da aldeia. Inicialmente, era só para ensinar as crianças a escrever o próprio nome, pois a aldeia já tinha uma escolinha construída por um frei da igreja católica, mas não tinha professor e tinha muitas crianças na idade de estudar. Então, comecei a ensinar as crianças a fazer o nome e ler o alfabeto. Não havia nenhum material de apoio pedagógico, tudo era escrito à mão em folhas de caderno, que era o único material que eles tinham e que eu tirava uma folha todos os dias para cada um. Ensinava as crianças por meio da observação das coisas que tinha em torno do espaço da escola, por exemplo, pedia para eles observarem o que visualizavam no caminho de casa até a escola. Assim que todos chegavam na sala de aula, trabalhávamos com o que eles apresentavam. Então, escrevia no “chão”, na terra, no espaço da escola o nome das coisas que falavam e mostrava o som e as letras, fazendo-os repetirem a escrita e a leitura, e, dessa maneira, iam aprendendo a ler. Como tinham mais pais querendo que seus filhos estudassem, aprendessem ler e escrever, reuniram algumas lideranças e foram à Funai para conseguir alguns cadernos e lápis para as crianças, e em pouco tempo seus filhos já estavam escrevendo e lendo. Ao perceberem que as crianças estavam realmente aprendendo, os pais me pediram para ensinar também os adolescentes e até os próprios adultos que queriam estudar, cujo desejo era aprender escrever o nome para tirar a identidade com a assinatura. Assim, organizei pequenos grupos, ensinava as crianças pela manhã, os adolescentes à tarde e os adultos à noite, à luz de candieiro, pois não tinha energia elétrica na aldeia. Os pais me davam, como forma de pagamento das aulas, farinha feita por eles, peixes do rio, caças e outros produtos da agricultura, que, nos finais de semana, levava para meus pais na aldeia de Barra Velha. Ficava muito feliz com o cuidado, carinho e respeito que tinham comigo. Muitas vezes, eu ia almoçar na casa dos alunos. Uma garrafa ou lata de leite ninho, com um pouco de óleo diesel, com uma trança de algodão ou tecido preso com a tampa da lata. Durante a noite acendiam, e servia para clarear. Então, passei a levar a sério as aulas e comecei a gostar de ensinar as crianças, e elas aprendiam rápido, o que me deixava muito animada. Os adultos diziam “professora, já tirei minha identidade com a assinatura”, e eu ficava muito feliz com eles, estava vendo o retorno e a felicidade deles por ter aprendido a escrever o seu próprio nome. (PATAXÓ, 2022.p.30.31)

1998, a escola tem um novo professor, Adelson Conceição Oliveira, indígena, trabalhou um ano e meio apenas, passou pelas mesmas dificuldades dos professores anteriores. Por isso, ele faltava alguns dias no trabalho e os estudantes se sentiam prejudicados, mas no momento era o que tinha. Acabavam aceitando a situação. Antes do término do ano letivo, veio um rapaz para substituí-lo, que também não conseguiu ficar na aldeia.

Quase no final de 1999, chegou uma nova professora, Marisselma Barreto, não indígena, trabalhou até o final de 2001. Trabalhar com indígenas foi uma nova experiência, uma nova realidade, lidar com falta de materiais, de merenda, a dificuldade de acesso à cidade, não foi fácil. Muitas vezes esses professores tiveram que tirar dos seus salários para fazer algumas coisas diferentes na sala de aula. Alguns relatos de estudantes daquela época dizem que tinham que dividir o lápis no meio para seus irmãos estudarem, dividia folhas de ofício. E muitos não tinham cadernos. O professor grampeava folhas de ofício, que serviam de cadernos.

Neste período a escola tinha energia solar, mas não tinha biblioteca. Quando o giz acabava, o professor tinha que se virar para dar aula, pois não tinha mimeógrafo. Ele ia trabalhar ao ar livre em volta da escola. No ano de 2002 chegaram três novos professores indígenas, que trabalharam também com as mesmas dificuldades. Ficaram apenas um ano.

Dá para perceber que a qualidade de ensino era precária. Os professores desistiam de seus estudantes. Faltavam às aulas para ter motivos para pedir para parar de dar aulas. Percebe-se a insistência da Cacica com a educação escolar da aldeia. Com persistências, lutas, nunca desistiu de buscar uma educação de qualidade para nós.

Em 2003 chegava uma nova professora não-indígena, Cristiane Barbosa. A história começava novamente. Porém, houve um fator que mudaria a história da escola. No final de fevereiro passou um vento muito forte que acabou com a escola, com tudo que tinha na escola. Jucelino certifica: *“foi um vento noroeste muito forte, com chuvas que acabaram com o telhado e paredes da escola”*.

As aulas ficaram suspensas por alguns dias até que um morador da aldeia cedeu uma cabana, que tinha muita utilidade, para fazer reuniões e missas. A professora começou a trabalhar ali também. A cabana ficava no centro da aldeia. Como falei antes, as turmas eram multisseriadas, desde a alfabetização até a quarta série.

Devido ao aumento das turmas, houve necessidade de mais lugares para dar aula e mais um professor. O motorista da Funasa, órgão que cuidava da saúde indígena, cedeu a garagem do carro, que serviu de sala de aula.

No outro ano, com aumento das turmas e outras demandas foi feito um barracão de palha de palmeira. Tinha duas divisões que funcionavam como sala. A cabana ficou servindo de cozinha, onde era preparada a merenda. Em outro período servia de sala de aula. Neste mesmo ano, a igreja cristã missionária cedeu seu espaço para servir de sala de aula.

A aldeia naquele momento tinha até a quarta série. Quando o estudante chegava ao 6º ano, tinha que sair da aldeia para ir para outras aldeias ou cidades para continuarem os estudos. Em 2004 tivemos uma perda irreparável: a nossa querida Cacica veio a óbito.

Até 2004 a escola não tinha uma educação diferenciada. Não tinha a disciplina de língua indígena. Foi um ano que marca o surgimento de novas lideranças, o Cacique João Batata e seu vice Cacique Pedro Braz, que deram continuidade aos projetos da Cacica. A construção de uma nova escola, uma luta incansável, foi assumida pelos novos Caciques.

Em 2005, dois jovens que faziam magistério indígena na aldeia Barra Velha, começaram a estagiar na turma multisseriada, do terceiro ano ao quinto ano, com disciplina Patxôhã, língua materna Pataxó. Apenas nesse ano a língua indígena foi introduzida na Escola Indígena Pataxó Meio da Mata. Nesse ano, a escola tinha três professores que não eram indígenas, sendo que um deles tinha apenas a oitava série, e uma professora indígena.

A Constituição Federal, quando legitimou novos paradigmas na educação indígena proporcionou o reconhecimento das especificidades dos povos indígenas a ter uma educação diferenciada, uma educação como pensamos que deve ser. A associação entre os saberes tradicionais e os saberes científicos foram fundamentais na comunidade e em todo o Brasil.

De acordo com o artigo 231 da Constituição Federal de 1988 são reconhecidos aos povos indígenas sua língua, história e tradição. Porém, tal reconhecimento nem sempre é efetivo, inclusive nas escolas indígenas, como dito antes. Vale ressaltar que esse assunto é pouco debatido nas conferências, conselhos educacionais. Observa-se que os aspectos culturais não são valorizados, são pouco discutidos, na matriz curricular nacional, além de se encontrarem em discrepância total, quando o assunto

é educação indígena.

Na aldeia, a educação escolar indígena diferenciada começou de fato no ano de 2005, com o ensino da língua materna, o Patxôhã (Língua de guerreiro), pelos dois jovens que ali estagiavam. Uma luta árdua que permitiu o resgate de uma língua adormecida, mas presente nas memórias de alguns anciões, e que hoje está presente no nosso dia a dia. Não com a frequência que desejamos, mas o importante é estar no nosso meio com mais visibilidade.

Nessa época tinha apenas uma indígena que era professora, mas ela não trabalhava uma educação escolar indígena diferenciada, por causa de um estado opressor, que não aceitava nossos ensinamentos tradicionais nas escolas. E na aldeia não possuía coordenador pedagógico, quem coordenava eram a secretaria de educação de Porto Seguro, que não vinha visitar a escola.

Em 2006, a comunidade reuniu e viu a necessidade da construção de um prédio escolar que suprisse a necessidade da educação. Então cobraram a prefeitura local que atendeu a demanda e iniciou a construção no mesmo ano.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, Escola Indígena Pataxó Meio da Mata)



(Fonte: Rafaela Braz,2023, Escola Indígena Pataxó Meio da Mata)

Em 2007, foi inaugurada a escola tendo 02 salas de aula, 02 banheiros masculinos e femininos para os alunos, 01 cozinha, 01 depósito, 01 secretaria e, 01 pequeno pátio. Devido à precisão do ensino fundamental II na comunidade, implantou-se o mesmo no ano de 2009, com uma turma do 6º ano e uma EJA de 5º e 6º anos.

Com a evolução das turmas e o crescimento populacional da comunidade, no ano de 2010, foram implantadas mais algumas turmas no Ensino Fundamental I e II, sendo turmas do pré I e II (multi) matutino, 1º e 2º ano (multi) vespertino, 3º, 4º e 5º ano (multi) vespertino, 1ª a 4ª séries da EJA noturno, 5ª e 6ª séries da EJA e 7ª e 8ª séries da EJA. Até este ano, a escola não tinha estudantes portador de necessidades especiais. Os profissionais tinham o Ensino Médio, outros ainda com Ensino Fundamental incompleto, eram indígenas e não indígenas.

Durante esse tempo, a evasão escolar surgiu na escola, pelo motivo de os jovens e adultos casarem-se, terem que trabalhar no pesado e com o cansaço físico e mental acabavam deixando de ir à escola. Neste ano foi criado o Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Pataxó Meio da Mata (PPP), sendo um dos princípios de gestão democrática adotados pela instituição e contou com a participação da comunidade para garantir as especificidades e diversidades necessárias. Outro princípio adotado é a eleição para coordenador, efetivada com a participação dos membros da escola e da comunidade em geral.

A construção do Projeto Político Pedagógico para a escola indígena é mais uma conquista que vai efetivando aos povos indígenas o direito a uma escola diferenciada e de qualidade prevista na lei que rege o país, a Constituição Federal de 1988, principalmente na Lei de Diretrizes e Bases do Sistema Nacional de Educação e as

Resoluções 02 e 03 da CEB/CNE.

“Para garantir a especificidade dessa categoria de escola e modalidade de ensino, o Conselho Nacional de Educação definiu os elementos básicos para a organização, estrutura e funcionamento destas escolas, que deveriam ser localizadas em terras habitadas por comunidades indígenas, dando atendimento exclusivo a essas comunidades, por meio do ensino ministrado em suas línguas maternas, e contando com uma organização escolar autônoma deveria ser elaborada com a participação da comunidade indígena, levando-se em consideração as estruturas sociais, práticas socioculturais e religiosas, atividades econômicas, formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino- aprendizagem, além do uso de materiais didáticos-pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo indígena” (Art. 2 e 3, Res.CEB 03)

Desde que o PPP foi criado, não teve mais atualizações. De 2010 a 2014, surgiram novas turmas e tornou-se difícil para a comunidade a escola ter apenas duas salas. Tiveram que ver novos lugares para darem aulas, sendo que a igreja católica e o centro cultural serviram como salas. Sem cadeiras e quadros para todas as salas de aula, os meninos sentavam no chão e nos bancos da igreja. Como vemos, cada ano era uma luta diferente, falta de materiais escolares didáticos, merendas, evasão escolar.

De 2015, para o professor indígena trabalhar tinha que estar em faculdades. Ou, pelo menos matriculado. Não exigiam tanto do professor de Patxôhã. Neste ano a escola tinha EJA, educação de jovens e adultos, do 1º ao 5º ano, noturno.

Anos depois a Secretaria de Educação proibiu a EJA pelo motivo de serem os mesmos alunos. Como esses alunos vinham há anos repetindo de série, mesmo assim eles voltavam no outro ano, para serem alfabetizados. O município não concordou, fomos obrigados a trancar a turma. A turma da EJA é um aprendizado para nós professores, tinha que escutar, pois eles chegavam e conversavam sobre o dia a dia, as coisas que eles passaram, ensinar remédios medicinais, contavam as histórias passadas com os outros professores.

O incrível era ser reconhecida por eles. Alguns esforçavam, aprendiam a ler frases, as continhas, outros percebiam que era o momento que tinha. para estar juntos e aprendiam a assinar o nome. A EJA na escola indígena significa o caminho para que jovens e adultos promovam o seu desenvolvimento pessoal através de seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional, se configurando como um saber reflexivo, um saber de vida vivida, saber amadurecido, fruto da experiência, nascido de valores e princípios éticos e morais já formados e

originário no dia a dia.

Ir à escola, para um jovem ou adulto, é antes de tudo um desafio, um projeto de vida. É a integração com a sociedade letrada da qual fazem parte por direito. Fazer parte da escola torna jovens e adultos sujeitos ativos, participativos, conhecedores de seus direitos e deveres, do seu papel de cidadão. Assim, a EJA nas escolas indígenas representa o reconhecimento da sabedoria dos povos indígenas, onde se fomenta o encontro dos saberes de vida vivida com os saberes escolares.

Em 2014, a escola pela primeira vez teve turmas do Fundamental II, seriada, do 6º ano ao 8º ano, sendo uma luta ter essa separação de turmas. Essa conquista se repetiu em 2015, com turmas do 6º ao 9º ano.

E nos próximos anos, o município decidiu juntar as turmas e voltar com as turmas multisseriadas, sendo que até hoje nunca teve uma turma seriada do maternal aos anos finais do Fundamental I. Alegam que tem pouca quantidade de estudantes para ser turmas seriadas. Todo ano repetem essa história. Fazemos reuniões com comunidade, com corpo escolar, fazemos documentos, argumentando, justificando a necessidade de separação das turmas, mas não obtemos favoráveis respostas da Secretaria de Educação. Sempre a mesma coisa, não podemos aumentar carga horária dos professores, contratar novos professores, nem cuidador de jovens com deficiências. Para sairmos dessa situação que vivemos, é necessária uma ação, além do diretor e do coordenador das escolas indígenas, dois indígenas omissos, também da Secretaria de Educação de Porto Seguro.

Trabalhar com turmas multisseriadas e com jovens com deficiências sem o cuidador é difícil para todo professor. Dividir seu tempo, de 50 minutos, é se multiplicar. Não damos a devida atenção aos estudantes: a evasão dos jovens com deficiências se dá devido a esse motivo. Conversando com as mães percebi que elas têm toda vontade de ver seus filhos na escola, mas ficam preocupadas, pois não tem pessoas para acompanhá-los nesse tempo na escola. Temos estudantes com deficiência intelectual e deficiências múltiplas.

Por falta de capacitação para inclusão por parte de alguns professores, chegaram a reprovar alguns desses alunos. A inclusão deles torna a escola diversificada, cheio de novos olhares, novas perspectivas, uns jogadores de futebol, free fire, outros desenhistas. Tem dias que eles chegam na sala, não querem fazer nada, nem o caderno abrem, conversam, ficam ali, prestando atenção nas atividades que os outros colegas fazem, e pedem para irem para casa mais cedo. E tem dias

que chegam mostrando as atividades de casa com uma alegria, chegam entusiasmados. O difícil é lidar com as convulsões, mas viver de perto com jovens assim me tornou uma profissional melhor, deu ânimo para estudar, capacitar, para dar um aprendizado melhor para eles.

O número de alunos foi crescendo e houve a necessidade de aumentar o prédio escolar. Foram, então, construídas mais duas salas de aula, um pátio e uma secretaria maior, no ano de 2016. Até o ano de 2017 funcionava apenas do Ensino Infantil ao Ensino Fundamental II; os alunos tinham que concluir o Ensino Médio nas escolas de Boca da Mata e de Barra Velha.

A partir do ano de 2018 foi implantado o Ensino Médio pelo Estado, uma extensão do Colégio Estadual de Coroa Vermelha. Atualmente é o quinto ano de funcionamento do Ensino Médio na escola, o que representa uma grande vitória para nós da aldeia, conseguida com muito esforço pelo jovem Josenildo Brito, um dos fortes ativistas atuais da aldeia.

Josenildo Brito foi professor e atualmente é diretor de projetos para todas as aldeias Pataxó, mas nunca deixou de buscar melhorias para escola. Em meio a pandemia da Covid 19, conseguiu trazer mais construções para escola. Foram construídas três salas, para secretaria e coordenação, outra para informática, e outra ficou à disposição da associação da aldeia.

O Ensino Médio na aldeia no início foi turbulento. No primeiro ano de ensino, nem os professores, nem secretaria, nem merendeira receberam seus salários - foram todos voluntários. Isso porque entendemos o poder do etnoeducacional, território é escola, escola é território.

No ano 2019, alguns contratos subsidiados surgiram. Esses contratos pagam para o professor indígena valor menor que o salário do professor branco, às vezes menos que um salário mínimo. Eram muitas disciplinas para poucos professores. O salário de um professor chegou a ser dividido para três professores, esse professor passou no REDA (Regime Especial de Direito Administrativo) e como já tinha trabalhado no município, cedeu o cargo para outros professores, pelo motivo de que para contratar um novo professor pelo estado demora mais ou menos um ano, quando desvincula do cargo.

E alguns professores não moravam na aldeia. No período de chuvas, devido a estradas interditadas, não vinham dar aulas, os estudantes ficavam sem as aulas desses professores.

A aldeia, até o momento, teve três turmas formadas, lembrando que formamos estudantes que querem sair para estudar fora após o Ensino Médio e temos aqueles que formam para ficarem na aldeia.

No Ensino Médio temos professores de Barra Velha, que trabalham pelo Município e aqui pelo Estado, à noite. Ficamos a 20 quilômetros de Barra Velha. Alguns deles deixam a desejar como profissionais, faltam, deixando os estudantes com muitas aulas vagas. Triste porque contratar professores da aldeia demora muito tempo e o Ensino Médio na aldeia não funcionaria.

A escola, até o presente ano, nunca realizou uma formatura. Conversamos com os formandos para realizarem, mas são pouco formandos e fazer festa para aldeia são muitos gastos; alguns não trabalham e a família não tem condições de arcar com as despesas da festa. O Município não colabora e o Estado não oferece recurso devido a quantidade de estudantes.

Devido ao Ensino Médio ser novo na aldeia, estamos já nos preparando para realizar essa festa para a comunidade e homenagear a guerreira e ex-Cacique, Maria José e Josenildo Brito. Relembrar as lutas é nos permitir ser gratos pelas conquistas, que alcançamos e continuar firme, forte. A flechada que eles deram não podemos deixar cair, essa flecha é a arma que nos move e temos hoje é a educação escolar indígena bilíngue específica e diferenciada.

O papel do educador é orientar, é transmitir aos estudantes que temos dois conhecimentos, ambos importantes, mas o conhecimento tradicional vem primeiro. Mas para vivermos nessa sociedade, temos também que dominar o conhecimento científico, como diz Kanatyó:

Os dois eixos, base da nossa educação, são: COM O PÉ NO CHÃO DA ALDEIA e COM O PÉ NO CHÃO DO MUNDO.

Com esses dois eixos, dialogamos com o conhecimento tradicional do nosso povo e com o conhecimento das disciplinas acadêmicas e as questões contemporâneas. (PATAXÓ, 2013, p.23)

O autor Kanatyó menciona o quanto são importantes esses conhecimentos, os dois tem que ter uma parceria, para que nenhum sobreponha sobre o outro.

Hoje a escola possui no total dos três períodos 95 alunos, (75 pelo Município e 20 pelo Estado), 11 professores (6 pelo Município e 5 pelo Estado), 01 secretária, 02 coordenadores (01 pelo Município e 01 pelo Estado), 01 auxiliar de classe que fica com a professora do ensino infantil, 01 cuidador, 02 funcionárias terceirizadas da

limpeza, 02 merendeiras, (01 pelo Município e 01 pelo Estado), 01 guarda, e inclusive a Cacica (Anailda Braz) da comunidade de Meio da Mata trabalha nessa Escola como merendeira e o vice Cacique (Otelino Braz De Jesus) como professor, duas lideranças de grande importância para a Aldeia.

Tabela de professores da turma do matutino e vespertino pelo município

PROFESSORES	DISCIPLINAS
Inglis Sales dos Santos	Inglês, L.P.T (leitura, produção, textual), Educação física, Língua Portuguesa, EJA
Nadilson Dos Santos	Patxôhã, Educação Física.
Dinair Pires Pereira Da Silva	Matemática, Ciências
Otelino Braz De Jesus	História, Geografia, H.PS (história de Porto Seguro), D.A.D.I,
Cristiane Aparecida Cruz Barbosa	Turma Maternal, pré I e II, 1º e 2º anos fundamental.
Rafaela Braz da Silva	Creche (MATERNAL), 3º,4º e 5º anos fundamental

ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ MEIO DA MATA
ANO 2023
HORÁRIO ENSINO INFANTIL

Creche (Vespertino)

HORÁRIO	SEG, FEIRA	TER, FEIRA	QUAR, FEIRA	QUINT, FEIRA	SEXTA, FEIRA
01:00/1:50	Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	O eu, o outro e nós	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	O eu, o outro e nós
1:50/2:40	Corpo, Gesto e Movimento.	Corpo, Gestos e Movimentos.	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	Escuta, fala, pensamento e imaginação	Corpo, Gestos e Movimentos
2:40/03:30	Traços, fala, pensamento e imaginação	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	Traços, fala, pensamento e imaginação	Língua Materna (Patxohã) Prof: Nadilson	Escuta, fala, pensamento e imaginação
3:30/4:00	INTERVALO				
4:00/4:50	Escuta, fala, pensamento e imaginação	Traços, fala, pensamento e imaginação	Corpo, Gestos e Movimentos	Língua Materna (Patxohã) Prof: Nadilson	Traços, fala, pensamento e imaginação

(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, Horário do ensino infantil, creche)

ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ MEIO DA MATA
ANO 2023
HORÁRIO ENSINO INFANTIL

Pré I/Pré II (Matutino)

HORÁRIO	SEG, FEIRA	TER, FEIRA	QUAR, FEIRA	QUINT, FEIRA	SEXTA, FEIRA
07:00/7:50	Língua Materna (Patxohã) Prof: Nadilson	Escuta, fala, pensamento e imaginação	O eu, o outro e nós	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	O eu, o outro e nós
7:50/8:40	Língua Materna (Patxohã) Prof: Nadilson	Corpo, Gestos e Movimentos	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	Escuta, fala, pensamento e imaginação	Corpo, Gestos e Movimentos
08:40/09:30	Traços, fala, pensamento e imaginação	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	Traços, fala, pensamento e imaginação	Corpo, Gestos e Movimentos	Escuta, fala, pensamento e imaginação
09:30/10:00	INTERVALO				
10:00/10:50	Escuta, fala, pensamento e imaginação	Traços, fala, pensamento e imaginação	Corpo, Gestos e Movimentos	Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações	Traços, fala, pensamento e imaginação

(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, Horário do ensino infantil, pré I/ pré II)

ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ MEIO DA MATA
ANO 2023
HORÁRIO FUNDAMENTAL I

1º e 2ºano (Vespertino)

HORÁRIO	SEG, FEIRA	TER, FEIRA	QUAR, FEIRA	QUINT, FEIRA	SEXTA, FEIRA
01:00/1:50	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	ARTES	MATEMÁTICA	GEOGRAFIA
1:50/2:40	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS
02:40/03:30	CIÊNCIAS	ED. FISICA	MATEMÁTICA	HISTÓRIA	PATXOHÃ
03:30/04:00	INTERVALO				
04:00/4:50	HISTÓRIA	ED. FISICA	PORTUGUÊS	GEOGRAFIA	PATXOHÃ

P.S: Professora regente, Cristiane Aparecida Cruz Barbosa
 Professor de Língua Materna, Nadilson dos Santos Conceição

(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, Horário do ensino fundamental I)

INDÍGENA PATAXÓ MEIO DA MATA
ANO 2023
HORÁRIO FUNDAMENTAL I

3º/4º e 5ºano (Vespertino)

HORÁRIO	SEG, FEIRA	TER, FEIRA	QUAR, FEIRA	QUINT, FEIRA	SEXTA, FEIRA
01:00/1:50	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	ARTES	MATEMÁTICA	GEOGRAFIA
1:50/2:40	PORTUGÊS	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS
02:40/03:30	CIÊNCIAS	PATXOHÃ	MATEMÁTICA	HISTÓRIA	ED. FÍSICA
03:30/04:00	INTERVALO				
04:00/4:50	HISTÓRIA	PATXOHÃ	PORTUGUÊS	GEOGRAFIA	ED. FÍSICA

085 Professora regente, Rafaela Braz da Silva
Professor de Língua Materna (Patxohã), Nadilson dos Santos Conceição

(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, Horário do ensino fundamental I)

HORÁRIO
ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ MEIO DA MATA
ANO 2023
HORÁRIO FUNDAMENTAL II

6º/7º

HORÁRIO	Seg,feira	Ter,feira	Quar,feira	Quint,feira	Sexta,feira
07:00/07:50	Ciências Dinair	Matematica Dinair	Matematica Dinair	D.A.D.I Otelino	Patxohã Nadilson
07:50/08:40	Ciências Dinair	Português Inglis	Matematica Dinair	Matematica Dinair	L.P.T Inglis
08:40/09:30	Geografia Otelino	Português Inglis	História Otelino	Português Inglis	Ed.fisica Nadilson
09:30/09:45	INTERVALO				
09:45/10:35	Inglês inglis	Artes Otelino	Ciências Dinair	Português Inglis	Ed.fisica Nadilson
10:35/11:25	Geografia Otelino	Patxohã Nadilson	D.A.D.I Otelino	História Otelino	

(Fonte: Nadilson Santos, 2023. Horário do ensino fundamental II)

HORÁRIO
ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ MEIO DA MATA
ANO 2023

8º/9º
HORÁRIO FUNDAMENTAL II

HORÁRIO	SEG,FEIRA	TER,FEIRA	QUAR,FEIRA	QUINT,FEIRA	SEXT,FEIRA
7:00/07:50	GEOGRAFIA OTELINO	ARTES OTELINO	HISTÓRIA OTELINO	PORTUGUÊS INGLIS	L.P.T INGLIS
07:50/08:40	GEOGRAFIA OTELINO	MATEMÁTICA DINAIR	HISTÓRIA OTELINO	PORTUGUÊS INGLIS	PATXÓHÁ NADILSON
08:40/09:30	CIÊNCIA DINAIR	PATXÓHÁ NADILSON	MATEMÁTICA DINAIR	H.P.S OTELINO	ED.FISICA Inglis
09:30/09:45	INTERVALO				
09:45/10:35	CIÊNCIA DINAIR	PORTUGUÊS INGLIS	H.P.S OTELINO	CIÊNCIA DINAIR	ED.FISICA Inglis
10:35/11:25	INGLÊS INGLIS	PORTUGUÊS INGLIS	MATEMÁTICA DINAIR	MATEMÁTICA DINAIR	

(fonte: Nadilson Santos, 2023, horário do ensino fundamental II, turno matutino)

No período da manhã tem três turmas multisseriadas. Numa sala fica o pré I e II com a professora Cristiane, juntamente com a auxiliar de classe Liliane Braz Brito, em outra 6º e 7º e 8º e 9º em outra sala. As aulas iniciam às 7 horas da manhã, com intervalo de meia hora às 9:15; voltam às 9:45 e às 11:25 estão liberados. Quando a escola está sem merenda, os estudantes saem mais cedo.

À tarde inicia às 13 horas, com intervalo às 15:30, retorno às 16 horas e saem às 16:50 horas, com três turmas, a creche, 1º e 2º ano, 3º, 4º e 5º ano. À noite entram às 18 horas, com intervalo às 19:30, retornam às 19:45 e saem às 21:15 horas, sendo estas as turmas da EJA, 1º, 2º e 3º ano ensino médio.

Tabela de professores da turma da noite pelo Estado (1º, 2º e 3º ano ensino médio)

PROFESSORES	DISCIPLINAS
Kaiones Braz Dos Santos	Língua portuguesa, Química, Tokmã kahab.
Givaldo França Da Conceição	Matemática, CFSA, física,
Marlúcia De Souza Lima	Biologia, Inglês, educação corporal, iniciação científica.

José Paulo Braz De Jesus	Patxôhã, história, literatura indígena, Direitos Indígenas
Dinair Pires Pereira Da Silva	Artes, Geografia, educação corporal, CFSA.

Horário da escola Meio da Mata



HORÁRIO 2023



Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha- Anexo Meio da mata

13/02/2023

	1º ano	2º ano	3º ano
Segunda-feira	Matemática-Givaldo	Biologia- Mariúcia	Língua Port- Kaiones
	Matemática-Givaldo	Biologia- Mariúcia	Língua Port- Kaiones
	Biologia- Mariúcia	Língua Port- Kaiones	Matemática-Givaldo
	Língua Port- Kaiones	Matemática-Givaldo	Biologia- Mariúcia
	Língua Port- Kaiones	Matemática-Givaldo	Biologia- Mariúcia
Terça-feira	1º ano	2º ano	3º ano
	Física- Givaldo	Língua Port- Kaiones	Artes - Dinair
	Inglês- Mariúcia	Língua Port- Kaiones	Artes - Dinair
	Artes - Dinair	Física- Givaldo	Língua Port- Kaiones
	Iniciação Ciênt- Mariúcia	Artes - Dinair	Matemática- Givaldo
Iniciação Ciênt- Mariúcia	Artes - Dinair	Matemática- Givaldo	
Quarta-feira	1º ano	2º ano	3º ano
	Patxohã- Paulo	Química -Mariúcia	Geografia- Dinair
	Patxohã- Paulo	Química- Mariúcia	Geografia- Dinair
	Química- Kaiones	Inglês- Mariúcia	História- Paulo
	Tokmã Cidad.-Kaiones	História- Paulo	Inglês- Mariúcia
Tokmã Cidad.-Kaiones	História- Paulo	Inglês- Mariúcia	
Quinta-feira	1º ano	2º ano	3º ano
	CFSA-Givaldo	Geografia- Dinair	Patxohã-Paulo
	CFSA-Givaldo	Geografia- Edinair	Patxohã-Paulo
	Ed Corporal- Mariúcia	Patxohã-Paulo	Física- Givaldo
	DIREITOS INDÍGENAS- Paulo	Inglês- Mariúcia	Física- Givaldo
DIREITOS INDÍGENAS - Paulo	Ed Corporal- Mariúcia	CFSA- Dinair	
	1º ano	2º ano	3º ano
	Para A. Númer- Gilvaldo	CFSA- Dinair	História - Paulo
	História- Paulo	CFSA- Dinair	Química -Kaiones
	Geografia- Dinair	Patxohã-Paulo	Química -Kaion
	Literatura Indíge- Paulo	Matemática-Givaldo	CFSA- Dinair
Literatura Indíge- Paulo	Física- Givaldo	Ed. Corporal- Dinair	

Givaldo	16
Dinair	15
Mariúcia	16
Kaiones	13
Paulo	15

(Fonte: Nadilson Santos abril de 2023, horário do ensino médio, turno noturno)

Sabemos das lutas travadas em prol da educação escolar indígena, pela garantia e proteção territorial e pelo reconhecimento da prática sociocultural, que relaciona a construção da cidadania indígena no Brasil.

É preciso refletir e se mobilizar para discutir estratégias de valorização, fortalecimento de práticas interculturais, que possam ser trabalhadas de forma autônoma e dinâmica para todos. É importante que a comunidade entenda as novas didáticas de forma reflexiva, aqui esclareço a inclusão das novas disciplinas do ensino médio, como direitos indígenas, tokmã kahab e literatura indígena, uma novidade para escola, onde faço reflexões com os estudantes, com aulas práticas, vivendo e relatando nossa trajetória no T.I Barra. Portanto, quero expressar toda perspectiva de construir um trabalho que contribua para uma realidade diferente tanto na minha comunidade, quanto em outras aldeias na área educacional.

A aplicação da educação diferenciada na aldeia apresenta alguns obstáculos. O primeiro é a matriz curricular que aponta tudo que devemos fazer nos conteúdos didáticos. Desse modo fica complicado e dificulta pôr em prática a educação diferenciada.

O outro grande problema são os materiais didáticos. Além de faltar muitas coisas, os que vêm são matérias que não se enquadram no perfil da escola, sendo livros defasados, sem conteúdo indígena, que quando aparecem é no contexto do passado de 1500. Isso nos deixa chateados pela forma que somos tratados em pleno século XXI.

Mesmo eles sabendo que não ficamos no passado, como muitos ainda pensam, acham que somos selvagens, ingênuos e que não percebemos a falta de respeito. O que mais complica são os governantes que não fazem seus papéis da forma correta, respeitando as diferenças sociais, culturais e de crenças.

Outro problema é que somos remunerados por meio de contratos provisórios que trazem muitas dificuldades. Além de não garantir direitos trabalhistas, esses contratos geram muitas mudanças de rotatividade. Às vezes prejudicando o andamento das atividades, já que os contratos têm pouca durabilidade. Por exemplo esse ano de 2023, a escola pelo Estado perdeu dois professores que tinham anos trabalhando e por uma simples prova do REDA foram exonerados, entrando novos professores no mês de maio, em meio a uma unidade. Isso mostra quão desrespeitosa é a maneira como tratam a educação escolar indígena. E quem mais perde são os alunos, pois os professores tinham seus planos, projetos e são paralisados e os novos professores vem com coisas novas, diferentes do que estava sendo lecionado.

Outro fato inaceitável é a Prefeitura não querer contratar novos professores, para não desmembrar as turmas, e quando acontece em contratar novos professores,

dobram as cargas horárias de uns professores que tem 20 horas, para 40 horas, desse modo a pessoa tem que dividir seu salário com outra pessoa. É terrível como somos tratados, não temos direitos, atualmente só professor(a) concursado tem direitos, recebem gratificação por ter nível superior, já os contratados, com mestrado, não têm gratificação.

Todo este processo desestimula os profissionais da educação. Buscamos a categoria de professor indígena. Essa luta está sendo travada, precisamos dessa melhoria para termos uma estabilidade no trabalho e podermos ocupar o nosso espaço por meio de concurso público específico para indígenas. A luta é contínua, incansável, somos povos guerreiros que nunca desistem.

Educação escolar indígena não é um mar de rosas, é luta constante e para manter assim como pensamos, passamos por vários desafios. Primeiro, que muitos indígenas estão acostumados com o ensino colonizador, pensam que escola é somente ler e escrever. Segundo, acham que um ensino diferenciado é perda de tempo, pois não levarão os filhos a lugar nenhum, que os conhecimentos que adquirem são dos colonizadores. Terceiro, quando veem uma aula prática diferenciada, acham que nem é aula e que o professor apenas não quer dar aula e que ficam zanzando pela aldeia, sem o que fazer. Por fim, uma Secretaria de Educação que impõe, que dita o que devemos fazer e que para ter um luto na escola, precisa comunicar o diretor das escolas indígenas de Porto Seguro, sendo ele indígena, mas sendo ele governo.

Por último, o professor ou professora que queira fazer uma aula indígena específica e diferenciada enfrenta, às vezes, maus olhares de companheiros, pois são poucos que realmente pensam uma educação escolar indígena específica e diferenciada, pois dá trabalho planejar, requer amor, carinho e dedicação.

E, pensando uma educação escolar indígena diferenciada, é necessário romper barreiras, mostrar aos estudantes, aos pais, que vem primeiro a nossa cultura, os nossos costumes, depois vem as outras coisas. Que podemos conciliar as duas coisas em um só espaço. Romper preconceito na aldeia não é fácil, mas é necessário para um falar da ancestralidade, da pedagogia indígena, do genocídio, da exterminação. Para assim entender que é necessário esse formato de ensino, com nossos conhecimentos tradicionais.

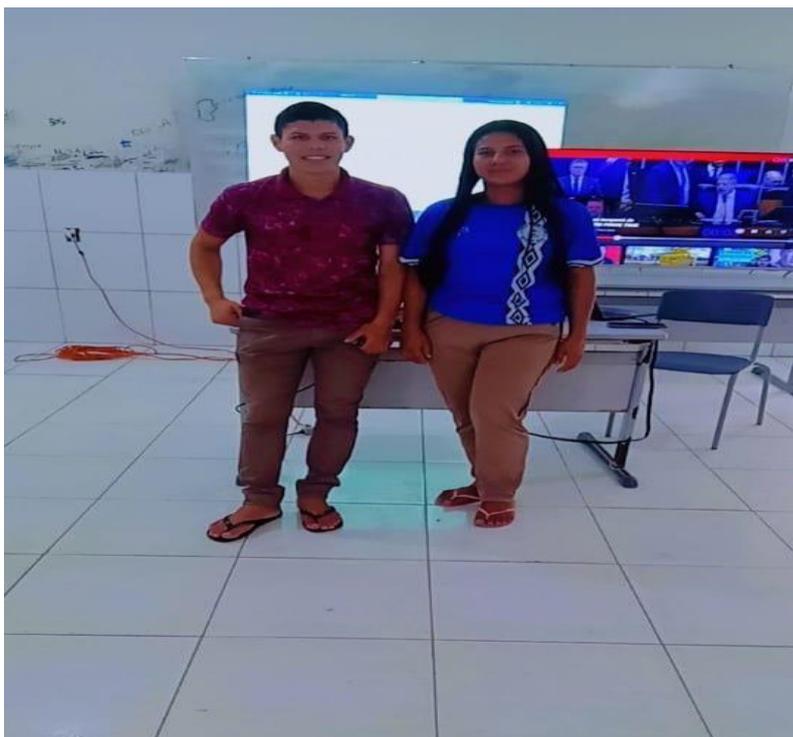
Por fim, aplicar a pedagogia indígena é fortalecer, afirmar algumas práticas tradicionais, reviver o ancestral, para assim continuar firme nas lutas, o principal

objetivo dessa educação escolar indígena é formar indígenas conscientes, guardiões de conhecimentos e guerreiros, lutadores pelos seus direitos.

Um exemplo disso é que, depois da votação do projeto de lei o PL 490, pela Câmara dos Deputados e aprovada, juntamente com o professor Nadilson Santos, fizemos um seminário no dia 02/06/2023, nas aulas de educação física, leitura e produção de texto, e Patxôhã. Apresentamos aos estudantes o que é a PL490, o marco temporal, falamos das consequências para os povos indígenas, que na verdade é um projeto inconstitucional, genocida. Conscientizamos a todos do poder do voto, os incentivamos a estudarem muito para ocupar lugares, cargos para ajudar nossos parentes.



(Fonte: NAKTÃ Pataxó, 2023, turmas do 6° ao 9°, professor Nadilson, seminário PL490, Marco Temporal)



(Fonte: Raika Santos, 2023, professores Inglis Sales e Nadilson Santos, seminário PL490, Marco Temporal)

A escola tem um papel de informar os acontecimentos, deixar os estudantes atualizados, assim conscientizar que as retomadas de territórios são importantes para manutenção da vida, para o bem social dos povos indígenas.



(Fonte: Tamikuã Braz, 2023, estudante da escola Meio da Mata, participa da mobilização contra a PL490 e marco temporal, na BR 101)

Nesta foto podemos ver a conscientização dos professores e a luta indígena que vive dentro de cada um de nós, educação indígena é viver cada dia uma luta pela existência. Portanto, na relação entre educação indígena e educação escolar indígena não deve haver conflito e sim elas devem andar juntas, de mãos dadas, como práticas colaborativas, permitindo uma nova pedagogia decolonial, intercultural.

3.3 Língua Pataxó - o Patxôhã - na Escola Meio da Mata.

A Constituição de 1988, Cap. VIII, Art. 231, dedicado aos indígenas, registra que:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) registra, no Capítulo II, art. 32, Parágrafo 3º:

O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Segue, nas Disposições Gerais do Art. 78, que:

O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura de assistência aos índios. Desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para a oferta de Educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: I proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; valorização de suas línguas e ciências[...]

A língua PATAXÓ, ou língua Patxôhã, significa língua de guerreiro.

“Há pouco tempo atrás, nós educadores e lideranças Pataxó preocupados em manter o nosso jeito de ser Pataxó e afirmar nossos costumes, nos convencemos de nosso papel de organizadores de nossa sociedade e passamos, de forma independente, a fazer estudos mais detalhados de nossa língua. Depois de muito estudo, apesar de não sermos conhecedores de linguística, porém levados por grande desejo de descoberta e aprender tudo sobre a nossa língua, passamos a chamar nossa linguagem de Patxôhã, para marcar nosso trabalho. Que quer dizer: pat são as iniciais da palavra pataxó; atxohã é língua; xôhã é guerreiro. Ou seja, linguagem de guerreiro”. (Pesquisadores Pataxó, 2004)

Os próprios Pataxó, como agente de ação, desenvolveram essa organização, um projeto de Pesquisa e Documentação da Língua e Cultura Pataxó. Essa língua ficou por muitos anos adormecida, isso significa que ficou guardada na memória dos guardiões Pataxó. Após tantas tentativas de genocídios, etnocídio, nós Pataxó fomos obrigados deixar de falar nossa língua materna e começar a falar apenas o Português. A estratégia dos homens brancos foi exterminar nossa cultura e a forma de dominação foi a língua.

E nossa tática para sobrevivência foi aderir a essa nossa língua. Nossos velhos, os guardiões da língua, como não sabiam escrever, guardaram as palavras na memória. Sabemos que para ficar fluente em uma língua é necessário praticar e éramos proibidos dessa prática. Toda história que envolve nós, indígenas, foi construída através de lutas. Com a nossa língua não foi diferente.

Foi necessário criar um grupo de pesquisa sobre a língua Pataxó. Esse grupo chama Coordenação Atxôhã (língua), composto por um grupo com professores indígenas e pesquisadores do povo Pataxó que atua também na formação de professores de língua materna, o Patxôhã, que surgiu por volta de 1998, realizou e realiza pesquisas de campo e documentais. Este grupo busca, incansavelmente, anotações, registros memórias com os nossos velhos, com a finalidade de retomar nossa língua materna. Ao compartilhar esse grande momento, nos enchemos de orgulho ao vivenciar essa vitória épica, como descreve a parente Anari Pataxó, abaixo:

A coordenação Atxôhã, uma iniciativa autônoma dos pesquisadores Pataxó, foi criada para dar continuidade aos trabalhos da pesquisa, articular atividades como encontros, reuniões, oficinas e acompanhar o trabalho dos professores de Patxôhã nas aldeias. A Atxôhã é composta por uma coordenação geral e os coordenadores de área, que são representados por pesquisadores pataxós que articulam as atividades nas comunidades. (BONFIM, 2012, p. 85-86).

Como podemos ver no relato de Anari Pataxó, foi uma iniciativa deles, do grupo, percorrer os territórios Pataxó em busca dos guardiões da língua. Esse trabalho foi importantíssimo porque foi realizado e idealizado pelos Pataxó.

A luta pela língua foi incessante, os guerreiros persistiram tanto, a pesquisa com certeza foi realizada porque muitos estudiosos linguistas diziam Pataxó não tem língua, a língua foi morta. Todavia, nem tudo foi perdido da língua antiga. Esse resgate foi possível porque foram preservadas nas memórias, as músicas e as palavras de uso comum entre as pessoas mais velhas, como a nossa linguista Anari Pataxó diz:

O processo que perpassou a língua pataxó a partir das práticas vivenciadas pelos mais velhos contribuiu nas intervenções linguísticas do povo Pataxó. Como resultado dessa língua, nem tudo havia acabado, como dizia seu Tururim, ficando a “metade da língua”, talvez referindo-se ao conjunto lexical de cerca de 200 palavras, conhecido e compartilhado hoje entre a maioria do povo Pataxó. Nessas últimas décadas, a língua pataxó passa por mais um novo processo de resignificação ou “inteiramento”, como diz Zabelê; porém, desta vez, através da geração mais nova, especificamente de um grupo de jovens pataxó de Coroa Vermelha e Barra Velha, que cria um projeto de pesquisa para ir em busca da língua que estava adormecendo na memória dos mais velhos, decididos a intervir na luta pela afirmação da identidade pataxó, na medida em que eles mesmos tomaram a iniciativa de querer registrar, conhecer e aprofundar sua própria história, a língua e cultura com os mais velhos e compartilhar a partir de ações. Esse processo não foi feito de maneira isolada, e sim de maneira coletiva entre o povo Pataxó. Já é notável a experiência entre mais velhos, e iniciativas no sentido de desenvolver práticas para valorização e fortalecimento da cultura pataxó. (BOMFIM, 2012, p.59).

Com a pesquisa do Atxôhã foi possível catalogar mais ou menos 200 palavras, com os mais velhos, como diz a autora Anari Pataxó, começo do sonho. Nos estudos observamos que temos semelhanças com outra língua indígena, A língua falada antigamente é, certamente, da família de língua Maxakali, pertencente ao tronco Macro-Jê. Atualmente, se consegue fazer comparação e perceber significados semelhantes entre as duas línguas. Podemos afirmar também que existiam semelhanças não só nas línguas, mas também em alguns costumes desses povos. A língua falada pelos Pataxó pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. Entretanto, durante as pesquisas, foram catalogadas palavras entre os mais velhos provenientes de outras línguas de outros troncos linguísticos. Anari Pataxó, registra:

Dentre as listas de vocábulos que foram coletados foram identificadas palavras de origem de línguas do mesmo tronco linguístico Macro-Jê e algumas do tronco linguístico Tupi. Dentre essas foram consideradas as palavras que os mais velhos conheciam e falavam há muito tempo e as que evidenciavam ser material linguístico Pataxó, no que se refere aos registros escritos. Levamos em consideração o vocabulário de Bahetá registrado por Maria Araci Lopes de Azevedo e Greg Urban em 1983, entre os Pataxó Há há hãe, já que estes, historicamente, também faziam parte do mesmo grupo étnico Pataxó e, também, porque percebemos que os professores Pataxó de Minas Gerais já estavam ensinando palavras da língua de Bahetá na escola, assim como as registradas por Wied (1989). Entretanto, era importante valorizar as formas das variantes lexicais que as comunidades Pataxó estavam considerando como sendo parte da língua pataxó, evitando, assim, a sobreposição de uma variante lexical como sendo melhor do que outra. Sendo assim, no vocabulário organizado pelo grupo de pesquisa Pataxó encontram-se formas lexicais diferentes para um mesmo significado. (BONFIM, 2012, p.75).

Nossa língua não foi inventada, como vimos cada parente guardou palavras,

esse registro não começou em 1998, com os pesquisadores indígenas, mas com os viajantes que passavam pelas aldeias.

O Patxôhã está nas escolas indígenas Pataxó, desde 2003. Aqui na aldeia, na escola da aldeia, iniciou em 2005, com dois indígenas estagiários de magistério indígena, conforme contamos antes. No início foi difícil porque os estudantes não tinham duas línguas trabalhadas na escola, era apenas o português. Com esse português fomos escolarizados, essa estratégia do uso do português foi para saber o que estávamos aprendendo, graças aos guerreiros essa situação mudou a partir deste ano. Essa imposição na forma de educação escolar, dizendo “escola para os índios”, Baniwa (2013), diz:

Durante o primeiro longo período (1500-1988) a “escola para índio” tinha uma missão muito clara de conduzir e forçar que os nativos fossem integrados e assimilados à “Comunhão Nacional”, ou seja, que fossem extintos como povos étnica e culturalmente diferenciados entre si e da sociedade nacional. Em razão disso, as línguas, as culturas, as tradições, os conhecimentos, os valores, os sábios e os pajés indígenas foram perseguidos, negados e proibidos pela escola. Neste período não cabe a denominação de escola indígena, uma vez que esta pressupõe algum nível de participação e protagonismo indígena. Na “escola para índio” a relação é verticalmente de brancos para índios, ou seja, os brancos são os donos e mandatários da escola que impõem processos educativos segundo seus interesses (LUCIANO, 2013, p. 1).

Graças a sabedoria dos nossos velhos, hoje a juventude Pataxó aprendeu que primeiro vem nossos conhecimentos, Luciano relata como foi sofrido o processo de escolarização, fomos proibidos de falar nossa língua.

Com luta, as comunidades Pataxó reivindicaram às Secretarias de Educação dos municípios, contratos de professores indígenas, para lecionar a disciplina Patxôhã nas escolas. A esse respeito Bonfim (2012) relata:

Devido ao grande interesse das lideranças indígenas das outras aldeias Pataxó em ter um professor de “Língua e Cultura” para ensinar as crianças na escola, começaram a reivindicar das secretarias de educação a contratação desses professores de patxohã. Embora o processo da pesquisa ainda estivesse em andamento, foi um momento significativo, porque havia um grande interesse das lideranças em fortalecer o ensino da língua nas outras aldeias. Isso muito animava os pesquisadores indígenas, pois sabiam que a língua Pataxó não estava mais “morta”, como muitos de fora afirmavam. (BONFIM, 2012.p.83).

Esse começo não foi fácil, muitos estavam ainda aprendendo a falar essa língua, poucos materiais disponibilizados, mas como Pataxó é guerreiro, enfrentou o desafio.

Depois do ano de 2005, no ano seguinte a comunidade Meio da Mata tinha um professor contratado para lecionar o Patxôhã. Meu primeiro contato com minha língua foi aos meus 12 anos, na escola. Sempre amei estar nas aulas. Fora da escola sempre ouvi meus tios e minha mãe falar língua Maxacali.

De 2006 até 2023, passaram-se vários professores de Patxôhã pela escola da aldeia. Desde esse ano a escola tornou-se bilíngue, um marco na educação escolar da aldeia. No início, muitos estudantes não ligaram, não valorizaram, diziam que essa disciplina não reprova e com isso muitos não faziam o Patxôhã. De acordo com a pedagogia do professor em aula, isso foi mudando e hoje é valorizada, respeitada.

Para finalizar sobre a língua Patxôhã, neste ano de 2023, algo inédito aconteceu. Claro que não foi uma iniciativa dos vereadores e tampouco do prefeito, mas de indígenas Pataxó, que insistiram numa lei, onde nossa língua Patxôhã, tornou-se cooficial no município de Porto Seguro-Bahia.

A lei Nº 1.888-23, diz:



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO
ESTADO DA BAHIA

LEI MUNICIPAL Nº 1.888/23, DE 02 DE MAIO DE 2023.

"Dispõe sobre cooficialização do Patxôhã (Língua Materna do Povo Indígena Pataxó) no Município de Porto Seguro e dá outras providências".

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO SEGURO, ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições legais, e tendo em vista disposto no inciso IV, do artigo 58, da Lei orgânica do município, faz saber que a Câmara Municipal **APROVA** e **EU** sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica estabelecido o Patxôhã (Língua Materna do Povo Indígena Pataxó) como idioma cooficial do Município de Porto Seguro.

Art. 2º Em razão da condição de língua cooficial concedida por esta lei, o Município de Porto Seguro se compromete, gradualmente e de acordo com as condições materiais e técnicas e respeitado o desejo do Povo Pataxó, manifestado em consulta pública da qual participarão todas as suas aldeias (art. 6º, Convenção 169, OIT):

I - a produzir a documentação pública, placas informativas, bem como, campanhas publicitárias institucionais, na língua oficial e na língua cooficial;

II - a incentivar e apoiar o uso e o aprendizado da língua cooficial em escolas e nos meios de comunicação.

Art. 3º São válidas e eficazes as atuações administrativas feitas na língua cooficial, objetivando facilitar o entendimento dos cidadãos indígenas.

Art. 4º O Poder Executivo poderá disponibilizar tradutor, quando necessário, para evitar ações de caráter discriminatório em razão do uso da língua cooficial.

Parágrafo único. Fica vedado qualquer manifestação discriminatória pelo uso da língua cooficial.

Art. 5º Os órgãos responsáveis pela gestão de serviços públicos em territórios indígenas deverão adotar, gradualmente, medidas para manutenção de atendimentos e manifestações oficiais no idioma Patxôhã.

Art. 6º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO
Porto Seguro, 02 de maio de 2023.

Jânio Natal Kilyade Borges
Prefeito Municipal



Com esta lei, o município aceitou respeitar as leis do Brasil, permitindo em ter uma língua indígena, respeitando as diversidades culturais ancestrais. Agora podemos ter um concurso em nossa língua, uma prova diferenciada exclusiva para nós. Este sonho é de todos os Pataxó. Porto Seguro deu um pontapé inicial e esperamos que outros municípios também sigam o exemplo.

O Patxôhã como disciplina é a realização de um sonho. Trabalhei com essa disciplina quatro anos e nesse tempo apliquei diversas práticas pedagógicas indígenas. Na prática da língua as aulas eram na oralidade, para ter dicção dos sons das palavras, depois na prática da escrita com todas as regras ortográficas.

O Patxôhã usado nos cantos e músicas é a prática que mais facilita a aprendizagem da nossa língua:

A música é um elemento importante na vida do povo Pataxó há muito tempo, por ser uma linguagem que permitiu “guardar” a memória da vida e da cultura do povo Pataxó, podendo ser transmitida para os mais jovens e também como um elemento para o fortalecimento da identidade do povo Pataxó. (BONFIM, 2012, p.62)

Como bem ressaltado por Anari Pataxó, aprender cantando é uma pedagogia deliciosa, mais interessante é ver os estudantes pedirem para fazer awê (ritual) nas aulas. Essa prática do aprender cantando foi fundamental para o fortalecimento da língua Pataxó porque quando se pratica um ritual, não são só os estudantes que participam, mas todos os membros da aldeia, assim cada vez a língua é praticada através de cantos e músicas Pataxó. Sobre este tema SANTOS, salienta sobre o aprender cantando.

Aprendemos cantando com nosso idioma, uma prática deliciosa, onde podemos expressar com amor e veemência esse aprendizado, percebemos a grandeza das melodias dos cantos, que enchem nossos ouvidos de ensinamentos e emoções. Hoje, as escolas indígenas têm um papel fundamental no fortalecimento e no ensino do Patxôhã nas aldeias, uma vez que sua importância é trabalhada e incentivada em sala de aula pelos professores. Temos o professor de Patxôhã que tem um papel muito importante, ele ajuda os estudantes com o estudo da língua, desde o ensino infantil. Observa-se que as crianças, adolescentes, jovens, todos em geral, aprendem com a observação dos rituais, dentro da aldeia, de modo espontâneo. (SANTOS,2020. P.34)

Também a esse respeito Kanaty Pataxó, um dos primeiros a fazer essa experiência de aprender cantando, onde é um mestre em sua aldeia, e mostra que realmente é uma pedagogia válida.

Alfabetizar Cantando é a base que inicia o ensino e a aprendizagem em alfabetização no espaço escolar. Essa experiência é o momento onde tudo vira música para a criança ir desenrolando a língua, de uma forma leve e alegre, sem se machucar.

Em Alfabetizar Cantando, a gente viaja pelo mundo da criança de uma maneira prazerosa, criando um ambiente comunicativo e criativo através da oralidade da música. Através da música, a criança consegue visualizar e viajar pelo mundo das imagens, dos símbolos e dos movimentos espaciais e corporais. Em Alfabetizar Cantando a criança estabelece um diálogo intercultural entre vários campos de conhecimento de uma forma leve e gostosa, deixando fluir naturalmente a sua visão sobre o mundo e assim vai fazendo novas descobertas sem forçar e agredir o seu pensamento.

Com a música, a criança consegue criar vários ambientes e estabelecer um meio próprio de comunicação, relação e interação com as palavras. Em Alfabetizar Cantando, a criança vai descobrindo a linguagem das palavras, seus códigos e fazendo uma ligação entre a escrita e a oralidade da música. A música mexe com todo o ser da criança, trazendo e guardando emoções, sentimentos e lembranças que fortalecem a cultura, a identidade e a história passada, presente e futura. (PATAXÓ, 2013.p. 53)

Ao observar o relato do parente Kanatyó Pataxó, no desenvolvimento do exercitar a língua cantando, é estabelecer uma comunicação com o ancestral.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, awê com músicas e cantos em Patxôhã)



(Naktã Pataxó, 2019, awê)

Patxôhã como disciplina vai além da língua. Aqui na escola da aldeia, trabalha-se com a história da aldeia, mapas de nascentes, mapa da aldeia, ervas medicinais, jogos indígenas, território, demarcação de terras indígenas, inclusive da Terra Indígena Barra Velha, artes, artesanatos, adereços, plantios e colheitas, as fases da lua e forma de habitação, comidas típicas entre outros.



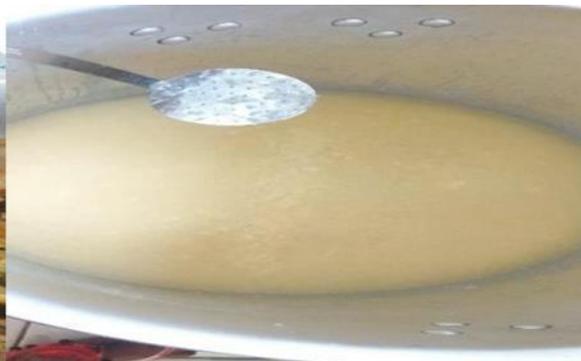
(Fonte: Andreia Braz, 2023, jogos indígenas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pinturas Pataxó)



(Fonte: Cristiane Barbosa, 2018, frutas da aldeia, Fonte: Janiele Marinho, 2023 estudantes fazendo beijú)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, beijú, kawĩ)

3.4 Datas comemorativas trabalhadas na Escola Indígena Pataxó Meio da Mata

Desde quando o ano letivo se inicia, nossos planejamentos são voltados para o abril indígena, relembramos os 523 anos de invasão e as malditas heranças europeias, como as doenças, escravidão, genocídios, miscigenação e a catequização.

Aqui contamos as histórias do nosso ponto de vista indígena, para reflexão e debate do tempo, explicar por que os Pataxó estão no processo de resgate da nossa língua materna, por isso hoje nossa primeira língua é o português. Dizer que os Pataxó foram muralhas vivas, que protegeu os parentes indígenas, do norte do Brasil, que hoje eles têm suas línguas, culturas, costumes preservados, graças a essas muralhas vivas. Fomos obrigados a nos misturar, miscigenar com outros povos europeus e africanos; foi a maneira mais cruel de sobrevivermos até os dias de hoje. Pataxó é povo guerreiro.

Refletimos sobre a sagrada terra, o tão sonhado território indígena Barra Velha ampliado, homologado e demarcado, contamos sobre as lutas dos Pataxó durante a guerra de 1951, sobre as novas aldeias que surgiram depois dessa guerra e agradecemos aos nossos anciãos que lutaram pela nossa existência. Todo território indígena é regado a sangue, nos matam por algo que é nosso, por direito.

Realizamos o awê, (ritual), fazemos comidas e bebidas típicas indígenas, fazemos ocas, adereços para as crianças, tinta de jenipapos e jogos indígenas, tudo com a participação dos estudantes, escola e comunidade.



(Fonte: Cristiane Barbosa, 2015, primeiro awê como professora)



(Fonte: Cristiane Barbosa, 2017, dia dos povos indígenas)

Antes do Dia das Mães pedimos a contribuição da comunidade, do corpo escolar, fazemos bingos junto com a comunidade. E no dia da comemoração em si, preparamos homenagens com todas as turmas, comes e bebes, e compramos lembrancinhas para as mães.



(Fonte: Rafaela Silva, 2023, comemoração Dia das Mães, escola e comunidade)



(Fonte: Rafaela Silva, 2023, comemoração Dia das Mães, escola e comunidade)

Algumas datas comemorativas, como o Dia Internacional das Mulheres, Páscoa, São João, Dia Internacional dos Indígenas, Dia da Água, Dia do Folclore, Dia da Independência do Brasil, Dia da Consciência Negra, Dia da Proclamação da República, são trabalhadas com os estudantes em sala de aula, com filmes, documentários, textos, desenhos etc.



(Fonte: Otelino Braz, 2023, visita dos estudantes ao plantio de agroflorestal)



(Fonte: Cristiane Barbosa, 2018, 1º Arraiá da escola, aldeia)



(Fonte: Rafaela Braz, 2023, pátio da escola ornamentada a caráter junino)



(Fonte: Rafaela Braz, 2023, comidas típicas juninas)



(Fonte: Rafaela Braz, 2023, comidas típicas juninas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, comunidade e escola)

Outra data que nem sempre é comemorada coletivamente com a comunidade, é o Dia dos Pais, pelo fato de voltarmos das férias de meio de ano e é pouco tempo para organizar tudo. Quando adiamos, realizamos a comemoração para final de mês.

Outra data marcante é o Dia das Crianças, pois temos mais tempo para organizar. Em 2022 nós organizamos, fizemos bingos, pedimos patrocínios de algumas empresas e conseguimos trazer para a aldeia brinquedos, como pula-pula, centopeia, escorregador, piscina de bolinhas e algodão doce. Esses momentos são gratificantes porque tinha crianças que nunca tiveram a oportunidade de brincar nesses brinquedos. Foi lindo de ver as mães felizes, as crianças, jovens, todos felizes. Ainda conseguimos comprar alimentação e lembrancinhas para as crianças do infantil.





(Fonte: Naktã Pataxó, 2022, dia das crianças)

Antes, quando não tínhamos essa oportunidade de fazer algo grande, realizávamos gincanas com conhecimentos culturais e jogos indígenas. Também dava a alimentação a todos da aldeia.

No final de ano cada turma do infantil tem sua festinha, com seus professores e pais. O fundamental II junta as turmas para fazer uma única festinha. O ensino médio pela mesma forma.



(Fonte: Cristiane Barbosa, 2015, minha primeira festinha de final de ano)



(Fonte: Lauriane Araújo, 2018, primeiro encerramento do ano letivo)



(Fonte: Cristiane Barbosa, 2017 e 2019, encerramento de ano letivo)

3.5 A Pandemia e a Escola

A pandemia da COVID 19 foi um amontoar de corpos, devastou famílias, destruiu lares; no Brasil tivemos mais de 1200 mortes de indígenas. Essa praga afastou corpos, permitiu a proximidade espiritual com o grande (NIAMISŪ), Deus. Na comunidade teve 7 casos de Covid 19. Nesse momento respeitamos a vida, respeitamos nossos anciãos, crianças, todos. Evitamos a coletividade, sim foi difícil, ao imaginar que ficamos longe uns dos outros, os rituais, os jogos de futebol, as

reuniões, as aulas, os cultos, foram paralisados. A vacina, na comunidade, provocou discussões, pois a maioria da aldeia não queria vacinar, por causa das fake news. Com o tempo a conscientização foi fundamental, assim mudando os conceitos para que a maioria da aldeia estivesse vacinada. As medicinas tradicionais foram a nossa cura, fortalecemos nossos corpos, nossos espíritos, nossas mentes. Com certeza foi a maior dificuldade que a escola e a comunidade passaram.

Em Março de 2020 chegou até nós o comunicado de que todos nós funcionários da escola estávamos descontratados. Foi muito difícil para aqueles que tinham apenas a renda desse trabalho. Para os professores a prefeitura de Porto Seguro, depois de mais de um mês, começou a pagar um auxílio de setecentos reais.

As aulas foram suspensas, fizemos um documento para a Secretaria de Educação, informando nossas condições, que tínhamos condições de continuar com as aulas presenciais. Nossa tentativa foi negada. A aldeia Pataxó Meio da Mata, durante tempos pandêmicos, teve 8 casos de Covid 19.

Esse ano foi muito difícil para as crianças que estavam iniciando o tempo escolar e também para aquelas crianças que estavam no processo de alfabetização. Os jovens que estavam iniciando o ensino médio e aqueles que eram da turma que formou no ano. Foi a primeira vez que vi a escola parar, deu tristeza.

O ano de 2021, entrou para a história; queríamos aulas presenciais, porém mais uma vez a prefeitura negou. Quando iniciou o período remoto foi o maior desafio, pois a escola tinha uma impressora e muitas vezes nós professores éramos quem comprava a tinta da impressora. O lixo na comunidade aumentou, devido a quantidade de papel que os estudantes levavam para casa.

De semana em semana, estávamos nós xerocando atividades; tinha até congestionamento, muitas disciplinas e estudantes com deficiência. Nós tínhamos que nos preparar para tirar as cópias três dias antes. Fizemos divisão de horários, para mexer com a impressora. O primeiro mês foi complicado.

Os pais, avós e comunidade estavam preocupados, pois alguns deles não sabiam ler nem escrever, portanto, como iriam ajudar as crianças que também não sabiam ler? e então, a escola também convidou os pais para irem à escola pegar o material, e nós ensinávamos como eles iam ajudar os filhos em casa.

Mas, nem tudo funcionou. Algumas crianças voltavam com o material da mesma forma que levou. Nós disponibilizamos, no Whatsapp, no dia a dia da aldeia para tirarem as dúvidas. Mudamos o formato de entrega dos materiais, sendo a cada

mês e com menos quantidade de atividades.

Os pais ficaram tristes porque o filho ia passar de série sem aprender ler, escrever. Foram duas séries em um ano, de fevereiro a julho uma série, de agosto a dezembro outra série. Neste mesmo ano tivemos as primeiras turmas do ensino médio formando nessas condições de calamidade. Alguns pais pediram para reprovar os filhos. Devido a esses pedidos, assinaram um documento que foi encaminhado à Secretaria de Educação do município.

Como professora, lamento muito o que passaram esses pais e crianças. Neste ano a prefeitura não contratou todos os professores, alegando que não era necessário pelo motivo do ensino ser remoto e minha carga horária passou de 20 horas para 40 horas. Fiquei com uma turma multisseriada do 3º ano ao 5º ano, com todas as disciplinas do fundamental II, com Língua Portuguesa, Inglês, L.P.T (leitura e produção textual) e Educação Física, do 6º ano ao 9º ano. Meu trabalho triplicou, muitas atividades para corrigir, muitas pesquisas foram feitas para entregar o meu melhor para os estudantes.

Meus filhos, nesse período, estavam no Fundamental I. Em casa ensinei a eles a leitura, as quatro operações básicas, ensinei em Patxôhã, em inglês, e libras o pouco que sei. E quando os coleguinhos deles vinham aqui em casa, colocavam eles para ler e escrever no quadro que tenho em casa. Brincavam de ser professores.

Durante esses anos não fizemos atividades práticas.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2022, volta aulas presenciais)

Em 2022 foi o recomeço. Mesmo com máscaras, queriam estar perto e brincando. Tivemos que lidar com as diversidades no nível escolar, cada um com suas

especificidades, não foi fácil. Foi o ano que mais me preocupei com minhas práticas pedagógicas.

Fiz provas práticas, como rituais, teatros, torneios de damas e dominó, jogos indígenas, teve prova de músicas em inglês, contei com a parceria do professor de Patxôhã para a realização dos jogos indígenas e torneios. Com essas pedagogias práticas, foi a maneira de incentivar a cultura, capacitar os alunos para outros mundos, não apenas com os conhecimentos tradicionais, mas também os conhecimentos mundiais.

Fomos totalmente abandonados na pandemia. No primeiro ano a escola permaneceu de portas fechadas, os contratos foram cancelados, o que mostrou o total desrespeito com as comunidades indígenas Pataxó. O ano que seria de acolhimento e união foi de exclusão.

3.6 Questão da multisseriabilidade

Sabemos que a seriação é comum no Brasil, considerada como organizada, exigente, com seus currículos rígidos, que dividem, separam as atividades e os estudantes por idades, série/ano. Nesse meio tempo surge o equívoco de que apenas o ensino na forma seriada funciona por seguir as normas propostas pela educação escolar, desmerecendo a multisseriação.

E de acordo a as diretrizes curriculares para educação escolar indígena e outras leis, projeta especificidade, assegurando garantias básicas, incluindo a educação escolar indígena de qualidade, respeitando cada aldeia, mas vamos ver que aqui na aldeia não funciona como queremos. Ao pensarmos em turmas seriadas, a prefeitura não aceita, pois não pensa nos estudantes, pensam que com mais contratos também virá mais gastos, nesse momento inviabilizam as turmas serem seriadas. Abaixo vemos as disposições das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica têm por objetivos:

I – orientar as escolas indígenas de educação básica e os sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na elaboração, desenvolvimento e avaliação de seus projetos educativos;

II – orientar os processos de construção de instrumentos normativos dos sistemas de ensino visando tornar a Educação Escolar

Indígena projeto orgânico, articulado e sequenciado de Educação Básica entre suas diferentes etapas e modalidades, sendo garantidas as especificidades dos processos educativos indígenas;

III – assegurar que os princípios da especificidade, do bilingüismo e multilinguismo, da organização comunitária e da interculturalidade fundamentem os projetos educativos das comunidades indígenas, valorizando suas línguas e conhecimentos tradicionais;

IV – assegurar que o modelo de organização e gestão das escolas indígenas leve em consideração as práticas socioculturais e econômicas das respectivas comunidades, bem como suas formas de produção de conhecimento, processos próprios de ensino e de aprendizagem e projetos societários;

Desde a criação do ensino escolar na aldeia, a multisseriação está presente. Para muitos um fardo pesado, para nós da aldeia é a solução.

Para muitos a multisseriação é uma forma de ensino desorganizada, pelo fato de misturar crianças, adolescentes, jovens e adultos, e também por misturar conteúdos distintos.

Com a quantidade de estudantes que tinha, pela estrutura da escola, por ter apenas um professor a cada ano, durante seis anos, desde 1995 até 2001, as turmas eram homogêneas, com turmas de alfabetização até a quarta série.

A certeza que fica é que não foi fácil trabalhar com turmas multisseriadas, sem auxiliares de classe. Durante esse período escolar na aldeia, foram poucas as turmas seriadas - dá para contar nos dedos -, sendo que maioria das vezes tivemos turmas multisseriadas.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, aula prática, turmas multisseriadas, do 6º ao 9º)

Como professora digo que é desafiador trabalhar com turma multisseriada. Tendo alunos especiais, sem um cuidador escolar, torna-se ainda mais difícil. Dividir

o horário em cinquenta minutos para uma turma do sexto ano e sétimo ano e adolescentes especiais, faz um professor se tornar mais que especial, um super professor.

Muitas das vezes o conteúdo é da turma avançada, exemplo oitavo e nono ano, sendo o conteúdo mais aplicado o do nono ano, pois no próximo ano a turma estará no ensino médio. Quando é turma de sexto e sétimo ano, fazemos conteúdos intercalados entre as duas series.

Os diários escolares nessa situação são incompreensíveis, pois temos que fazer o preenchimento dos conteúdos individualmente. A realidade é ter as turmas juntas, multi, mas os diários são separados, por série, assim tornando o trabalho dobrado. Em 2023 os diários eletrônicos tornaram-se globais. Por exemplo, no sexto ano todas as disciplinas do professor ficaram em apenas uma aba, a divisão é apenas para lançar notas.

3.7 Jovens Pataxó com necessidades especiais na Escola Indígena Pataxó Meio da Mata

As crianças com necessidades especiais na escola encontraram muitas dificuldades. No início foi difícil, não tinha o apoio mínimo, estavam na escola sem serem reconhecidos como estudantes especiais. Os profissionais, os educadores sem capacitação, a escola sem estrutura, ficaram muito tempo sem um cuidador escolar.

Durante esse tempo esses estudantes iam para escola desistiam, os pais não entendiam e tiravam os filhos da escola, por não terem o amparo necessário. Ao observar as leis que procuram amparar os estudantes com necessidades especiais, vemos que tem regras a serem cumpridas, mas leis não são cumpridas na escola por parte da Secretaria de Educação do município. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência):

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com

deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

V - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida;

VI - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena;

O estatuto da pessoa com deficiência institui como as necessidades educativas especiais incorporam os princípios já provados de uma pedagogia equilibrada que beneficia a todas as crianças. Parte do princípio de que todas as diferenças humanas são normais e de que a aprendizagem deve, portanto, ajustar-se às necessidades de cada criança, em vez de cada criança se adaptar aos supostos princípios quanto ao ritmo e à natureza do processo educativo.

Ao observar as leis, vemos que estamos longe de oferecer uma educação de qualidade para esses jovens indígenas, e todo corpo escolar tem que se preparar, se adequar às especificidades desses estudantes.

Eles querem mais atenção ao estarem em uma turma multisseriada. Por exemplo a turma de oitavo e nono ano, que tem dois jovens com necessidades especiais, em uma aula que dura cinquenta minutos. O professor tem que se desdobrar em vários para dar conta de passar um conteúdo e dar atenção aos jovens com necessidades especiais. Vou relatar aqui o que eles não gostam que façam para eles: não gostam que passo atividades impressas, gostam de escrever do quadro, entendo que por serem dois jovens, não querem que os tratemos como se fossem crianças, com atividades de pintura, ou impressas. Reconheço que eu era leiga para esse assunto, mas busquei cursos para me capacitar a ser uma profissional melhor. Reconheço também que a educação escolar indígena é por amor, é se doar, é por resistência.

3.8 Educação como ritual

Todos os dias, passamos por um ritual, acordamos, escovamos dentes, tomamos banho, arrumamos os materiais, conferimos e vamos para escola, se for período vespertino, almoçamos e fazemos todo o processo, até chegar na escola.

Na escola dá-se segmento, os estudantes chegam, quando o sino toca, todos

entram para as salas, com o professor que começa a segunda parte do ritual, as saudações, em seguida os conteúdos a serem explanados.

O professor sendo tradicional precisa ser a autoridade, ele é o conhecedor, os estudantes são apenas os receptores, nesse caso a ritualidade presente é copiar, copiar, e segue esse ciclo.

Quando o professor tem o hábito de chegar na sala, cantar, uma música em Patxôhã ou português, o hino nacional, isso se torna um ritual. Na educação infantil, vemos muito isso acontecer. Aqui na aldeia é assim, na segunda feira os pequeninos chegam e cantam, expressam com toda alegria, som alto, forte. Quando chega na sexta esse canto já sai fraco e desanimado, devido ao cansaço. Na disciplina de Patxôhã também é assim, toda aula inicia com a oração Pataxó. Toda escola tem um ritual, na hora que entra e na hora que sai, a cada cinquenta minutos o sino toca, toda escola tem hora de intervalo.

O professor indígena tem o dom de transmitir seus conhecimentos. O canto, um ritual Pataxó, é hoje a melhor forma de ensinar a língua Patxôhã, as crianças, os jovens aprendem cantando. Antes de um ritual Pataxó, nós preparamos alguns banhos de ervas medicinais, fazemos as pinturas, pegamos nossos adereços, vestimos. O primeiro ato de todo ritual é ajoelhar e cantar a oração Pataxó.

Minha educação escolar sempre foi em escola indígena. Desde esse tempo aprendi que ritual é escola e escola é ritual. As turmas eram divididas e cada um ficava com alguma função para fazer, comidas típicas, chá, kawi, moradias tradicionais. Esta é a prática pedagógica que nos ensina como realizar todas as tarefas na prática. Esse costume faz parte de cada escola indígena Pataxó, onde os professores, passam esse conhecimento, que aprendeu quando era estudante na escola e vai passando por gerações.

Abaixo, apresento a construção do Kikême Kuasê. Vamos observar que todo o processo de construção é ritual. A trazida dos materiais, a lua certa para cortar a madeira, as histórias que são contadas durante o fazimento, a participação da Comunidade em todos os momentos.

4 KIKÊME KUÃSÊ - casa sabedoria

“Uma vara só, quebra.

Um moí é mais difícil”

Tururim Pataxó

Aqui na aldeia tem um centro cultural em homenagem a ex Cacica Maria José, hoje o mesmo se encontra em situação precária, sem reformas, usamos para apresentações culturais, e no ano de 2022, após volta de aulas presenciais, fizemos a semana cultural no mês de abril. Para deixar o centro cultural mais apresentável, propus aos estudantes do ensino médio a pintá-lo, mas não tínhamos recursos financeiro para comprar as tintas. A partir dessa necessidade de pintar o centro cultural, tive a ideia de encontrar tawá amarelo (barro), para usar como tinta. Os estudantes do ensino médio foram buscar o barro em uma região da aldeia com distância aproximadamente três quilômetros. Fizemos a mistura do barro com água e pintamos o centro cultural, juntamente com os estudantes do fundamental e ensino médio.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2022)



(Fonte: Aynoã Pataxó, 2022)

Após essa experiência, pensei em fazer um kijeme tradicional usando todas as técnicas Pataxó. E nesse ano de 2023, quando falei com meu pai para ajudar na construção, ele prontificou a ajudar. Quando a luta é individual é mais difícil de ser vencida, quando tem a união de várias pessoas, a luta será mais fácil de ser conquistada.

Depois de pensar muito, decidi fazer a Kikême Kuãsê que significa (casa sabedoria), ao refletir sobre toda a luta que a aldeia e a escola passaram. Quero deixar registrado material e imaterialmente essa trajetória. A mãe terra deu todos os materiais que precisei, desde o alicerce à cobertura.

Antes de começar com a construção, meu pai disse que para tirar as madeiras e varas, teria que ser na noite escura, para a madeira não ser danificada por brocas e insetos. Assim foi feito. Esse ensinamento das fases da lua sempre ouvi dele. Após a qualificação da dissertação, iniciamos com as madeiras. Pai conseguiu as madeiras que serviram como esteios, e os caibros, esses foram puxados de trator até o terreiro de casa. É uma kijême de taipa, medindo 5x4 metros, construída por nós da aldeia, sendo que todo madeiramento meu pai tirou e trouxe com a ajuda do trator da ACIPAMM, Associação Comunitária Indígena da Aldeia Meio da Mata. Começamos a

fazer as marcações no terreno no mês de junho.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, esteios do kijeme.)



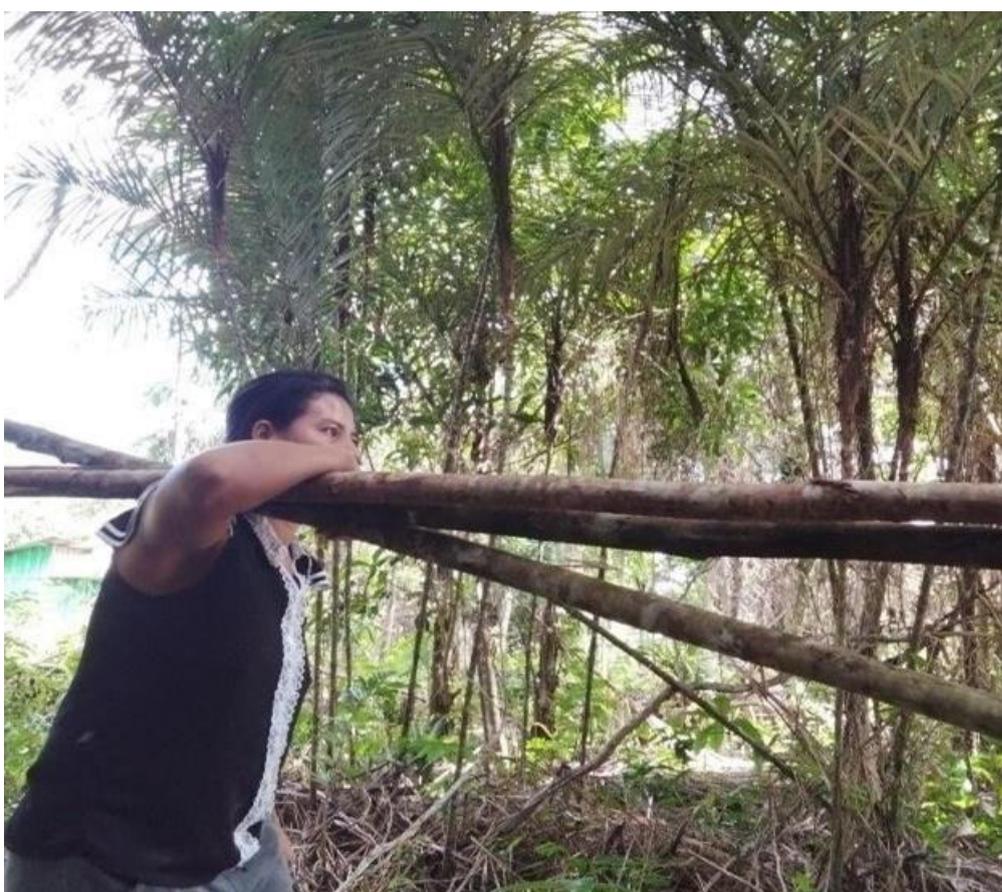
(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, caibros)

Ele tirou esses enchimentos com meu sobrinho e outro morador aqui da aldeia.

Foram tirados aqui perto de casa, uns trezentos metros de distância, e fomos buscar nas costas, eu, pai, meus filhos e dois sobrinhos, um total de 90 enchimentos.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, enchimentos)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pegando enchimentos)

Para fazer o processo de armação da kijême, contei com a arte do meu

padrinho, José Braz, que também é liderança da aldeia. Meu pai foi o ajudante, pois se encontra de idade, assim não podendo pegar muito peso.

No início, meu padrinho disse que seria a primeira kijeme de taipa que ele estaria fazendo a armação. Confiei neles, são minhas referências. Com duas semanas conseguiram deixar no ponto de colocar os enchimentos. Essa parte do enchimento fiz com meu pai, ele ensinou pela primeira vez, nesse momento de aprendizagem ele começou contar história dele e da minha mãe quando vieram morar aqui anos atrás. Às tardes, depois do trabalho, é que eu fazia esse trabalho com ele. Preparava os enchimentos, cortando do tamanho certo e passava para pai pregar.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, primeiros enchimentos pregados)



(Fonte: Jocelino Pataxó, 2023, pregando enchimentos)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, kijeme, enchimentado e coberto)

Após o processo de enchimentar o kijeme, foi a vez de envarar. Pai tinha cortado e puxado umas varas para casa. Começamos medindo no tamanho das paredes e cortando, mas nesse momento faltou varas. Tivemos que ir buscar na matinha, que ficava mais ou menos 2 quilômetros. Em um belo sábado, pai me chamou para buscar as varas que faltava. Antes não queria ir por ser distante e ter duas ladeiras, mas tive que enfrentar a missão.

Me preparei vestindo calça, botas, blusa de mangas, e fomos. Durante o trajeto, pai contou que a primeira casa dele aqui na aldeia foi feita de palha de palmeira, e

após um incêndio a casa queimou. A partir daí ele disse que iniciou a construção da casa de taipa, junto com minha mãe. Meus irmãos nessa época eram pequenos. Pai disse que as varas, os enchimentos eles traziam nas costas, e os caibros e esteios mais pesados traziam de jegue.

Descemos e subimos as ladeiras três vezes, durante esse trajeto pensei em desistir, as varas pesavam nos ombros, e o pior: tinha esquecido de levar água. Me mantive firme, busquei forças na natureza e consegui.



(Fonte: Jocelino Pataxó, 2023, carregando as varas.)

Na tarde desse mesmo dia, terminamos de medir e cortar as varas, e meu pai voltou a mata para tirar cipó preto, o cipó verdadeiro, para amarrar as varas nos enchimentos.

A primeira parte de envarar, pai chamou uns rapazes aqui da aldeia que fez o trabalho, ficando a parte do oitão para envarar. Antes de fazer o embarreio, eu e pai terminamos de envarar os oitões.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023 envarando o kijeme)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, kijeme envarado)

O kijeme estava pronto para ser embarreado, fiz convites as várias pessoas da aldeia. Antes do embarreio, fui a cidade, comprei uns alimentos para fazer para as pessoas que viriam ajudar. Em um domingo cedo, começou o embarreio. Levantei cedo, comecei preparar um café, logo depois o almoço, para as pessoas do batalhão.

Foi um dia especial, minha mãe ajudou a cozinhar, bem cedinho pai preparou o lugar do barreiro, colocando caixa perto e água. Um pouco depois, começaram chegar as pessoas.

Uns tomaram café, outros tomaram suco, e começaram a cavar o barreiro. De início um barro preto que não estava dando liga. Mesmo assim tentaram embarrear uma parede. O barro não segurava na parede, meus irmãos estavam embarreando

pela primeira vez. Mãe chegou e falou que o barro estava embebedado assim não daria liga. Fizemos algumas tentativas e não tivemos sucesso, mudamos para outro barreiro. Nesse momento, as coisas começaram a dar certo.

Contei com ajuda de várias pessoas, irmãos, pai, mãe, filhos, sobrinhos pequenos, estudantes e lideranças. Meio dia servi o almoço. Comeram, descansaram e voltaram a embarrear a kijeme. Finalizou o embarreio por volta das três da tarde. Nesse momento servi café, refrigerante, biscoitos, agradei todos pela ajuda.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, barreiro)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, barreiro)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, primeiras paredes embarreadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, criança aprendendo na prática)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, casa embarreada)

Nessa mesma tarde, comecei alisar as paredes para passar o tawá branco e amarelo. Enquanto o barro estava mole, alisei com mão. Quando finalizei de alisar a parte de dentro de casa, minha mão feriu. Nesse momento chamei mãe para perguntar como fazia esse processo de alisamento das paredes. Ela ensinou que era com o pano fino, passava primeiro na água e depois na parede. Em dois dias consegui alisar todas as paredes, a parte difícil foi os oitão que são altos, coloquei uma escada e consegui terminar.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes sendo alisadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes sendo alisadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes sendo alisadas)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes alisadas)

Após fazer todo alisamento da kijeme, deixei as paredes secarem por uns dias, e fui buscar o barro branco a uma distância de uns quinhentos metros, no pertence de Evanildes e ela me levou até o local. Passamos por uma grota de mata, descemos uma ladeira. Levamos enxadão, facão e um saco, embaixo no boqueirão encontramos a batinga. A dona do local tirou a batinga e eu lavava no córrego para tirar a areia. Na subida para chegar na casa de Evanildes, uma ladeira íngreme, com um saco na cabeça cheio de barro, foi um sufoco. Descansava toda hora, e quase no final da ladeira passei mal, quase desmaiei. Nessa hora Evanildes pegou o saco e levou até a casa dela. Fiquei na ladeira para pegar um fôlego.



(Fonte: Tamikuã Braz, 2023, limpando o barro.)



(Fonte: Tamikuã Braz, 2023, print do vídeo eu subindo a ladeira)

No dia seguinte, comecei a preparar o barro com água, e comecei a passar na parede com auxílio de um pano. Após passar em uma parede, minha mãe apareceu, e me ensinou, da forma correta, como passar o barro na parede e a mistura certa da água com o barro.



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, preparo do barro)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintando kijeme com barro branco)





(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, paredes do interior da casa)

Após duas mãos de tintas com tawá branco, o resultado foi esse acima. Mãe disse que tenho que dar a terceira mão de tinta do tawá, para ficar ainda mais branco.

O tawá amarelo fica mais ou menos três quilômetros de casa. A primeira vez não acertei o local, voltei depois e perguntei meus alunos onde era o local e me informaram. Quando meu irmão Hercuri chegou aqui em casa, pedi ele para me levar de moto. Quando chegamos, tivemos que entrar numa matinha uns cem metros da estrada principal. Encontramos o tawá amarelo, ao lado do córrego, cavei o tanto que iria precisar, coloquei no saco, e meu irmão levou até a moto. Ao sair da matinha, lembrei de uma frase do meu tio José Sales (Piega), que disse “a natureza dá, mas também recebe, quando vamos no mangue ou na mata deixamos nosso sangue de agradecimento”. Quando saí na estrada, vi meu pé sagrando, tinha passado em uma planta que se chama tiririca.

No dia seguinte preparei a mistura da água com tawá amarelo, até ficar no ponto e comecei a passar nas paredes exteriores. Utilizei um rolo para ajudar na pintura.



(Fonte: Jocelino Pataxó, 2023, preparo da tinta.)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintando)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, crianças pintando, sobrinhas)



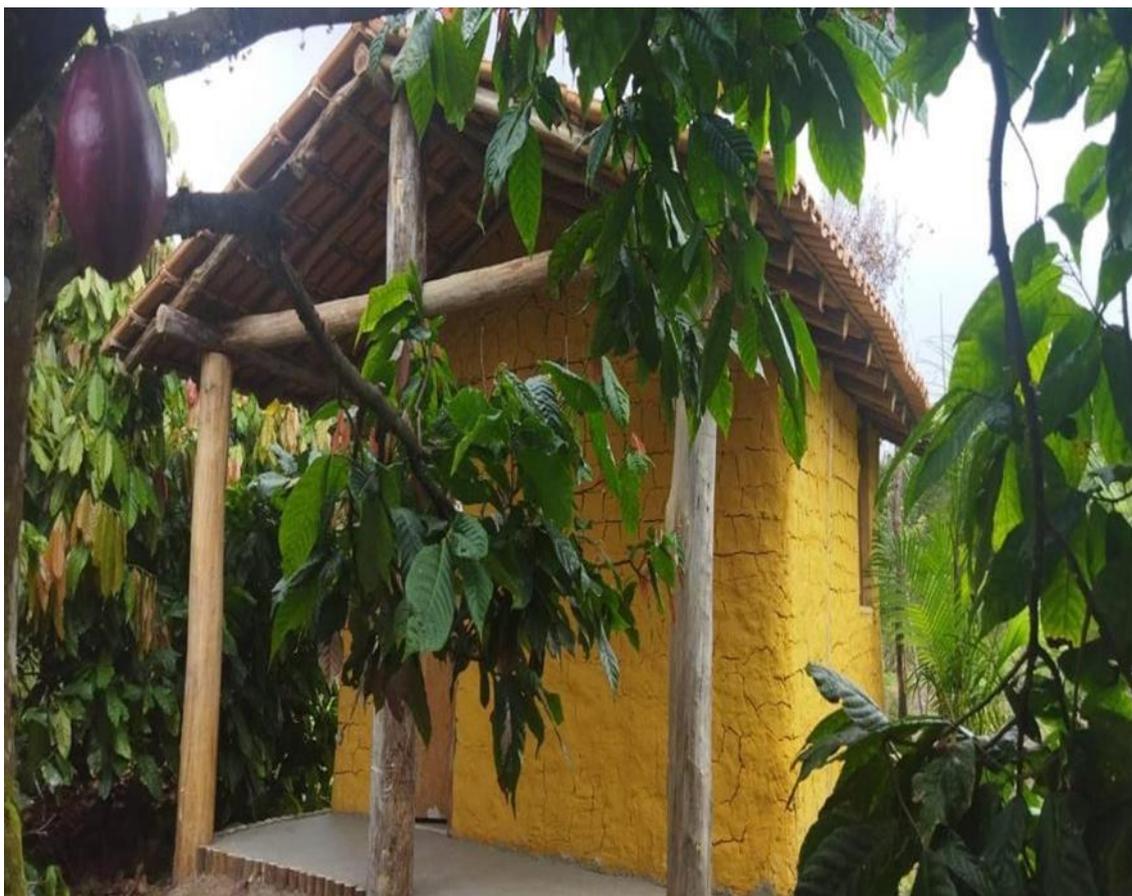
(Fonte: Naktã Pataxó, 2023)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, kijeme pintado)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintado e sem piso)



(Fonte: Naktã Pataxó, 2023, pintado e com piso)

A tradição de fazer casa de taipa veio de muito tempo, sempre morei em casa de taipa feita por meus pais. Ao relembrar dessa habitação, decidi realizar esse desejo de fazer a Kikême Kuãsê juntamente com a comunidade, que vai fazer parte da memória ancestral da aldeia. Este lugar homenageará todos aqueles que contribuíram com a aldeia, lutando pela saúde, pela escola, território e cultura. Também vai ser o local, onde cada membro da aldeia poderá olhar e ver as lembranças, registradas em fotos, em artes, na escrita.

A Kikême Kuãsê servirá como um minimuseu, pois este lugar guardará artes da aldeia, feitas por moradores da aldeia, porque temos artistas, artesãos de diversas faixas etárias. Um lugar sagrado que permitirá mostrar nossos dons artísticos, também será lugar de pesquisar, lugar de memória, de vida e lugar de luta.

Quando pensei em construir veio em mente toda trajetória da aldeia, da escola, porque para estar como hoje, passou por construir e reconstruir. Essa pedagogia indígena da construção não ficaria apenas em eu escrever a minha dissertação, mas em construir um lugar que representa a força, união, costume e tradição.

A Kikême Kuãsê é tradição. Essa forma de habitação está desaparecendo, perdendo a força e construir junto com crianças e jovens foi um aprendizado tradicional, que ficará na memória como a pedagogia indígena da construção e que deverá passar por gerações. Ao lembrar de todo processo de construção, é uma dádiva, aprendi tanta coisa, meus pais, meus mestres, ensinamentos milenários foram transmitidos. Tenho tanta gratidão a meu povo, minha comunidade, minha família, e a UFMG por idealizar o produto educacional que me permitiu realizar um sonho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos tempos os povos indígenas enfrentam uma constante luta pela garantia dos direitos, que historicamente foram violados. Diante disso, há a necessidade de repensar estratégias para reafirmação da identidade. Com a realização deste trabalho de pesquisa evidencio que o povo Pataxó é resistente, apesar de ter sofrido violência e perda de direitos com o processo de colonização e invasão de seu território. Não perdeu o espírito de luta para sobreviver e preservar a raiz da cultura e ciência.

Esta dissertação servirá para dar visibilidade à educação indígena e educação escolar indígena da aldeia Meio da Mata, por meio de pessoas que sempre lutaram e lutam para melhorias. Durante esse trabalho pude ouvir e observar o quanto é importante ter uma escola, ter um ensino intercultural, pude perceber o quanto a língua Patxôhã passou a se fazer presente no uso da comunidade.

Quando comecei a escrever foi no período difícil da Covid 19, momento doloroso, em que tinha ideias e foram mudadas. Entendo que as mudanças foram necessárias para preservar vidas, as entrevistas, as conversas ficaram para o final da dissertação. Sei que tive erros e acertos, mas sei que contribuí com a aldeia. Foi uma experiência indescritível, me desafiei, tive altos e baixos e sai cheia de conhecimentos.

A pesquisa autoetnográfica fez com que eu pudesse ver de perto a realidade atual da Escola Indígena Pataxó Meio da Mata e a educação indígena. Assim se tornou ainda mais relevante para o meu crescimento pessoal e profissional, vivenciando o dia a dia do corpo escolar e comunidade, pois a partir deste trabalho reafirmou a força dos Pataxó.

Espero que esta pesquisa sirva como fonte de estudo para que mais pessoas possam realizar mais pesquisas, ampliando a consciência da defesa dos direitos dos povos indígenas. Torço para que a realidade da escola mude, que nosso currículo seja respeitado, que as práticas educacionais venham a ser de fato realistas, sem exclusão, sem divisão, que seja libertadora. Escola é comunidade, comunidade é escola, assim seguindo juntas, resistindo e combatendo todo colonialismo, preconceito.

Concluo esta pesquisa dizendo da grande importância de uma mulher indígena escrever sobre esse processo educacional da aldeia, uma pesquisa que mostra as práticas educacionais e a valorização da cultura ancestral, considerando todo

conhecimento específico e diferenciado.

REFERÊNCIAS

- BOMFIM, Anari Braz. Patxohã, “**Línguas de Guerreiro**”: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Dissertação (Mestrado em estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- BRASIL, Congresso Nacional. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília: Ministério da Educação. 1988.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC; SEF, 1998 BRASIL, Estatuto do Índio. Decreto nº 6001, 19 de dezembro, 1973
- BRASIL, Decreto nº 5.051. **Convenção nº 169 da OIT Sobre Povos Indígenas e Tribais**: MEC/SEF, 2002 BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases. Brasília: Congresso Nacional, dezembro, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **O Governo Brasileiro e a Educação Escolar Indígena** 1995-2002 MEC/SEF, 2002.
- BRASIL Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI); Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília:MEC/SEF, 1998.
- BRASIL **RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012** - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.
- BRAZ, Leandro dos Santos. **História do ponto de vista Pataxó**: Território Violações de direitos indígenas no Extremo Sul da Bahia. [Percurso acadêmico apresentado ao curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais e Humanidade]. Belo Horizonte: UFMG, 2017.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e intercultural no Brasil**. In: Educação em Revista. Belo Horizonte, v.26, n.01, p. 15-40, abr. 2010.
- CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves – “Os Pataxó de Barra Velha. Seu Subsistema Econômico” (UFBA,1977). Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal da Bahia
- CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves - Relatório Circunstanciado de Identificação da TI Pataxó Monte Pascoal. 1982. (FUNAI, Processo: 2556/82).
- CARDOSO, T. M., Pataxó, K. S., Pataxó, R. B., & das Neves Pataxó, M. (2019). Os Pataxó frente ao naturalista Maximilian zu Wied-Neuwied: subversão do tempo, retomada da “cultura” e os museus etnográficos. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, 28(1), 155-183.

CHARLOT, Bernard .Da relação com o saber: elementos para uma teoria / Bernard Charlot; trad, Bruno Magne. - Porto Alegre: Arles Médicas Sul, 2000,

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed.São paulo: Paz e Terra, 2002-(coleção leitura).

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3.^a ed. São Paulo, 1991: Martins Fontes.

KAYAPÓ, Edson. "**Desafios para implantação da educação indígena na escola.**" RELIGACIÓN. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades 7.32 (2022).

KAYAPÓ, E.; BRITO, T. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445>. Acesso em: 26 maio. 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

KRENAK, A. **Discurso na constituinte**. 1987. Disponível em: Ailton Krenak - Discurso na Assembleia Constituinte - YouTube Acesso em jun. 2022.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Educação para manejo do mundo. **Articulando e Construindo Saberes**, v. 4, 2019.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006

LUCIANO, Gersem José dos Santos.. **Entrevista. Atual projeto de nação não tem lugar para povos indígenas, diz indígena e doutor em antropologia. Disponível em:** Acesso em: 22 de agosto de 2023. <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2013/04/indigena-e-doutor-em-antropologia-social-fala-sobre-projeto-indigenista-para-o>

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **A conquista da cidadania indígena e fantasma da tutela no Brasil contemporâneo**. In: RAMOS, Alcida Rita (Org.). Constituições nacionais e povos indígenas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Educação para manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro**. Rio de Janeiro: Contra Capa, Laced, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio **Da fala para a escrita**: atividades de textualização / Luiz Antônio Marcuschi - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2001

MAXIMILIANO, Wied-Neuwied: “Viagem ao Brasil.” (1820). Livro publicado na Alemanha

MUNDURUKU, D. (2010). **Mundurukando**. Editora do autor.

PATAXÓ, Kanatyó et al. **A escola pataxó Muã Mimatxi**. Diversa – Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, ano 10, no 19, 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/diversa/19/artigo-escola.html>>. Acesso em: 31 maio 2012.

PATAXÓ, Kanatyó et al. **A pedagogia lente do nosso olhar e as mãos da natureza**. Povo Pataxó da Aldeia Muã Mimatxi. Belo Horizonte: FALE/UFMG: Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras, 2013

PATAXÓ, Mayom, BOMFIM, Diana da Conceição. **Criança Pataxó em escola não indígena**: O caso da Escola Municipal Frei Henrique de Coimbra, no Extremo Sul da Bahia. Dissertação (Mestrado Profissional Em Ensino E Relações Étnico-Raciais)- Universidade Federal Sul da Bahia-UFSB, Porto Seguro –Bahia, 2022.

PATAXÓ, Povo. Inventário cultural pataxó: tradições do povo pataxó do extremo Sul da Bahia. **Bahia: Atxohã/Instituto Tribos Jovens (ITJ)**, 2011.

PORTO SEGURO, prefeitura municipal de. **A lei municipal Nº 1.888-23**, de maio de 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.) **Epistemologias do Sul**, São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Inglis Sales dos. **Linguagem dos rituais da cultura pataxó**: relações entre cantos e adereços. 2020. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Rosa Helena Dias da; BONIN, Iara Tatiana. **Pedagogia e escola indígena, escola e pedagogia indígena**. Artigo apresentado a USP e UnB (1998 e 1999)

WALSH, C. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial**: in-surgir, re- existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.